

Rubino Tonet

Breve Relato de Familia



Rubino Tonet

Breve Relato de Família





EDITORA-CHEFE:

Dra. Zélia Halicki

FICHA CATALOGRÁFICA

T664 Tonet, Rubino
Breve relato de família [livro eletrônico] // Rubino Tonet. Ponta
Grossa: ZH4, 2023.
125 p.; E-book PDF

ISBN: 978-65-84783-15-7
DOI 10.51360/zh4.20235-03

1. Família Tonet - história. 2. Imigração italiana. 3. Família
Tonet – genealogia. I. T.

CDD: 929.2

Ficha Catalográfica elaborada por Maria Luzia F. B. dos Santos CRB 9/986.

Esta é uma obra que tem objetivo de disseminar o conhecimento acerca da história de uma família.

A reprodução e distribuição desta obra é de responsabilidade única e exclusiva do autor.

Diagramador: Alan Graciano

Editora ZH4 – CNPJ 39.857.442/001-94
Rua Anita Garibaldi, 1400 – Sala 104
Bairro Órfãs – Ponta Grossa – Paraná





O AUTOR

Rubino Tonet, foi alfabetizado no idioma nacional pois até os dez anos falava o dialeto Veneto, na escola primária da Linha Vitória, localidade de Marcolino, um distrito de Sarandi e Rodeio Bonito, e novamente Liberato Salzano quando da sua emancipação, RS. Posteriormente ingressou no Seminário Nossa Senhora da Salete em Marcelino Ramos, onde fez o ensino ginásial e colegial nos anos de 1961 a 1967.

Frequentou a universidade nos anos de 1972 a 1975, onde graduou-se em letras pela PUC PR. Dedicou-se ao magistério durante um curto espaço, quatro anos no Colégio Polivalente em Curitiba, PR.

Suas atividades laborais estiveram ligadas a três empresas: Banco Nacional do Comércio S/A; Placas do Paraná S/A e Berneck Aglomerados S/A, esta última com quatrocentos e vinte e cinco meses de atividade, desde sua fundação em 1983 até o seu auge em 2020, sempre com atividade de liderança e chefia industrial com subordinados.

Inúmeros cursos de aprimoramento fazem parte da formação profissional como: Desenvolvimento de Equipes; Gestão de Desenvolvimento e Avaliação de Desempenho; Metacomunicação: a Qualidade do Sucesso, entre outros.





SUMÁRIO I

Dedicatória	07
Finalidade deste relato	09
Capítulo 01 – Curiosidade	11
Capítulo 02 – Algum documento	13
Capítulo 03 – A época na Itália	17
Capítulo 04 – Região	22
Capítulo 05 – O Brasil em desenvolvimento	25
Capítulo 06 – A viagem	28
Capítulo 07 – Custo da viagem	32
Capítulo 08 – O sofrimento dos imigrantes	34
Capítulo 09 – A família de Vittore Tonet e Maria Vigne	39
Capítulo 10 – A história dos nossos antepassados	46
Capítulo 11 – A família de Alfonso Tonet e Maria Ross	50





SUMÁRIO II

Capítulo 01 – Rubino	56
Capítulo 02 – Sustentabilidade	59
Capítulo 03 – A infância	62
Capítulo 04 – As brincadeiras	65
Capítulo 05 – As artes	67
Capítulo 06 – A mudança	70
Capítulo 07 – A casa do avô Tranquilo Ross	73
Capítulo 08 – O recomeço	76
Capítulo 09 – A decisão	79
Capítulo 10 – A rotina	84
Capítulo 11 – O Vaticano II	90
Capítulo 12 – Placas do Paraná	94
Capítulo 13 – A família	97
Capítulo 14 – A crise econômica	103
Capítulo 15 – O acontecimento	106
Capítulo 16 – A Berneck	109
Capítulo 17 – Conclusão	112
Capítulo 18 – Descendência de Alfonso Tonet e filhos	114





DEDICATÓRIA

Para os outros, Rubino, para mim, papi.

Durante essa jornada editorial nos divertimos muito com relatos como "La Carriola", que tirou gargalhadas minhas e de Klaus em frente ao computador. Porém, as vezes, olhar para as nossas origens e refletir sobre a história pessoal não é tarefa fácil! Isso nos depara com algumas realidades que muitas vezes gostaríamos de esquecer. O fato de conseguirmos narrar nossa biografia, refletir e compartilhar a história com ternura é um dos fatores que nos faz viver com mais leveza!

Papi, parabéns por sua coragem de embarcar nesse projeto literário. Sei que foram horas de pesquisa, telefonemas - para coletar histórias, documentos e fotografias - e determinação em frente ao computador para transcrever e organizar tudo isso. Com certeza este livro também ajudará a nos compreendermos melhor. Sinto-me grata por ter feito parte dele e de sua história. Desejo que muitos se inspirem a refletir sobre suas raízes após ler esse rico relato, afinal, expressar-se é dar a tudo e todos um lugar de carinho no passado e nos faz olhar para o futuro de uma maneira mais serena.

Parabéns por sua disposição de compartilhar conosco tudo isso! Afinal, de que serve uma boa história se esta não for compartilhada?

Como diriam nossos amigos e antepassados italianos: "Hai fatto un capolavoro! Felicitazioni!"

Que orgulho de você! Te amo!

Margrit





DEDICATÓRIA

Querido pai ou paiêê!!!

Tenho muito orgulho de você e dessa sua produção literária, com certeza um desafio enorme na coleta de informações, horas de planejamento e organização e também um certo quebra cabeça ao tentar juntar todas as peças de forma que fizessem sentido.

Escrever é uma arte, uma habilidade rara dentre as outras tantas que você tem.

Espero que essa jornada te incentive e inspire a escrever mais livros.

E desperte nos leitores ao menos a curiosidade de conhecer suas próprias histórias.

Amo você!

Beijos

Ingui





FINALIDADE DESTE RELATO

Neste livreto o autor procura apresentar a pequena história da família Tonet, Vittore Antonio, desde seus primórdios, a bem da verdade fragmentais, cujos antepassados viveram em terras longínquas, de além mar, resquícios estes citados a partir do século XV e mesmo origens existenciais muito anteriores que, contudo, carecem de aprofundamento.

Vittore Antonio, sua origem mais precisa, San Gregorio Nelle Alpi, província de Belluno, Itália, nos leva a constatar a realidade daquela época, com famílias numerosas e com poucos ou quase nenhum recurso para um sustento adequado para qualquer grupo familiar. Amadurecida a ideia, diante da realidade de então e com os boatos de oferta de terras no novo mundo decidiram pela partida.

Preparativos inúmeros foram feitos com enormes dificuldades dirigindo-se ao Porto de Gênova, lotado de espertalhões, partiram rumo ao desconhecido, novas terras que de fato aconteceu, iniciando uma nova vida trazendo consigo os pertences mais necessários, entre estes a família Maria Vigne e três crianças, todas com menos de dez anos: Maria, Angele e Gio Bata, não sem agruras, sofrimentos e dissabores de todos os tipos.

A descendência de Vittore Antonio Tonet e Maria Vigne se espalhou pelo Brasil com número incerto, porém estabelecida fica a necessidade de mais aprofundamento, de um estudo genealógico, visto este ser estabelecido a partir de informes dos





antigos e há alguns comprobatórios, estabelecendo-se graus de verossimilhança.

A trajetória deste autor está de fato marcante e descrita desde sua infância, seu desenvolvimento anotado com ocorrências e acontecimentos no decorrer dos anos.

Dedica a ideia deste trabalho às filhas Margrit Stüpp Tonett, Ingrid Stüpp Tonett e ao neto Klaus Tonett Möller. Para Rosicler Stüpp Tonett mãe e vovó deste, *in memorian*, uma menção honrosa.

Aos familiares, agradecimentos pela ajuda nesta trajetória.



Capítulo 01

Curiosidade



CURIOSIDADE

Interessante perguntar-se de onde viemos, como surgimos e evoluímos, durante os tempos que se foram. Agora preocupar-nos com o nosso início ou partida faz parte da interrogação de nossa família tal como:

- ✚ Onde habitavam os Tonet?
- ✚ Como eram quando partiram do velho continente sem condições de sustentá-los ao ponto de arriscar a vida em busca de uma esperança?
- ✚ Como se prepararam ou passos que foram necessários aos preparativos rumo a nova terra então chamada Brasil?
- ✚ Como conseguiram recursos financeiros para a viagem?

Não sabemos pois não deixaram informações.



Capítulo 02

Algum Documento

ALGUM DOCUMENTO



COMUNE DI SAN GREGORIO NELLE ALPI
Provincia di Belluno
Paese delle Dolomiti, patrimonio mondiale dell'umanità - UNESCO

LL. 20 dic. 16

Egr. Sig.
Alessandro TONET
medton.reg@comunogregorio.com.it

OGGETTO: TONET Antonio (o Vittor/Vittore Antonio) nato il 31.05.1943 figlio di Giov. Battista e Sasset Giovanna

Con riferimento alla sua mail del 28.11.2016, mi spiace comunicare che i registri di stato civile di questo Comune parlano dal mese di settembre dell'anno 1871.

Per il rilascio del certificato di nascita, per i nati prima di tale data, può rivolgersi alla Parrocchia di San Gregorio nelle Alpi tel. 0437 - 800036 - gracevoto@diocesibelluno.it

Quando fosse necessario il rilascio della risultanza di nascita da parte di questo Ufficio è necessario rinviare una marca da bollo da € 16,00 più € 2,20 per la spedizione per **un totale di € 18,20**.

Infatti, trattandosi di persona nata prima del settembre 1871, il certificato fa parte di una ricerca storica che non rientra nei casi esenti da bollo.

Il pagamento può essere effettuato tramite versamento presso:

- Tesoreria Cassa Risparmio del Veneto – Filiale 01500 – Via Jeppelli, 13 - 35121 PADOVA
– Conto: 1000 / 00046308 intestato a Comune di San Gregorio nelle Alpi
IBAN: IT43P6622512186100000046308
BIC: IBSPIT2PXXX - Indirizzo Internazionale di Banca C.R. del Veneto SPA
- Pagamento on line tramite la procedura Pago PA collegandosi al sito:
www.comune.sangregorionellealpi.it

La persona sopra indicata risulta avere contratto matrimonio nel Comune di Sospirato, in data 10.04.1872, con VIGNE Maria nata a Sospirato il 12.02.1849.

A disposizione per chiarimenti, porgo cordiali saluti.

L'Ufficiale d'Anagrafe
Sara Argenta
Firma omessa ai sensi
dell'art. 3 del D.Lgs n. 30/1993.

UFFICIO SERVIZI DEMOGRAFICI
12000 San Gregorio nelle Alpi - Piazza del Municipio, 1 - telefono 0437 - 800 018 - fax 801 433 C.F. 80201980297
Responsabile del procedimento: Sara Argenta
Orario di apertura dei servizi: mercoledì - giovedì e sabato dalle ore 9 alle ore 12 - lunedì pomeriggio dalle ore 16,30 alle ore 18,00
segreteria@comunogregorio.it
Cassa di posta certificata: segreteria@certificati.comunogregorio.it





Documentos são muito poucos e aqueles que existiam foram perdidos no tempo e a busca atual se torna dispendiosa e cara. As maiores informações atuais fazem parte da transferência verbal tornando-se assim apenas verossímeis. Porém, é possível estabelecermos uma base até certo ponto cronológica. A memória que nossos avós nos deixaram ainda são as mais valiosas.

A origem em si do cognome Tonet parece soar sem significado como é comum em muitos nomes, porém, conforme pesquisas brilhantes de Gilberto Atilio Tonet que chegou ao ano de 1700, o nome Tonet perdeu-se na antiguidade etrusca, povo este que viveu na região hoje italiana nos séculos VI ou VII antes de nossa era. Porém, temos este nome ligado aos reis franceses a partir de 1450. Esta gente serviu aos reis da França em diversas atividades. Acrescentamos o texto em sua origem francesa.

Tonet “Une famille originaire de Lalobbe (Ardennes) a fourni pendant deux siècle des officiers domestique et garçons de chambre aux rois de France. Le premier est Jaques (1596-1677), garçon de chambre de Louis XIII qui devint “gouverneur des épagueules du roi” sous Louis XIV. Son fils Jean-Antoine reprit ces fonctions (pluis son fils Jean-Marc) avant de devenir inspecteur des chasses et forêt de Sant-Germain et d”être anobli en 1704. Son petit-fils François, porte –arquebusier du roi, se rendit célèbre en 1765 par avoir abattu la monstrueuse “Bête du Gévaudan”. Cette nom dans l’histoire; citons: le général Francoise-Louis (1744-1837) qui se disingua a Valmy; les architectes Guichart, né vers 1450. qui travailla aux travaux nécessaires á la chathedrale de Reims après l’incendie de 1481. Jean, arpenteur général de Metz ao XVIIIème siècle. La distinction familiale représentée ici sous forme de blason, survit á travers les siécles grâce à des précieux témoignages qui nous ont permis de rapporter les exploits et les gestes de cette noble famille. Armes de cette famille: D’or à um taf d’azur. Titres nobiliaires de cette famille: anobli par charges, secrétaire du roi em 1736.”





“Tonet Uma família originária de Lalobbe (Ardennes) forneceu durante dois séculos oficiais e serviçais à casa dos reis da França. O primeiro foi Jean Jacques (1596 – 1677) garçom da casa do rei Luis XIII, que depois se tornou cuidador dos cães de caça do rei sob Luis XIV. Seu filho João Antônio assumiu a mesma função, (antes mesmo de seu filho João Marcos ter sido nomeado inspetor de caça e floresta de São German em 1765 por ter abatido a monstruosa besta de Gevaudan). Estes nomes na história, citemos o general Francisco Luis (1744 - 1837) que se distinguiu em Valmy: arquiteto, Guichardt, nascido em 1450, que participou nos trabalhos da reconstrução da catedral de RIEMS após o incêndio de 1481. João, agrimensor geral de METZ no século XVIII. A distinção familiar representa em forma de brasão, que sobrevivem através dos séculos graça a estes feitos e gestos heroicos dessa família. As Armas da família: Estandarte azul com faixa em ouro. Título nobre desta família; adquirido por cargo, secretário do rei em 1736”.

Porém, o mais plausível seria entendermos que o nome Tonet deriva de Tonetti, pois com o tempo foram suprimidas algumas letras na pronúncia do dia-a-dia ou registros, fixando-se em Tonet conforme afirma Gilberto.



Capítulo 03

A época na Itália

A ÉPOCA NA ITÁLIA



Igreja de São Pedro e São Paulo, Sospirolo-Belluno, onde casaram Vittore Antonio Tonet e Maria Vigne em 10 de abril de 1872.

Chiesa dei Santi Pietro e Paolo – Sospirolo-Belluno, Foto em julho de 2019.



Rubino Tonett chegando em San Gregori Nelle Alpi, Julho de 2019.





Prefeitura / Commune di San Gregorio Nelle Alpi,
Julho de 2019 (Prefeitura).



Visa de San Gregori Nelle Alpi, Julho de 2019.





É necessário entendermos a parte econômica e organização política, já com ideias nacionalistas no século XIX, com o término das lutas pela unificação em 1870, não sem antes movimentos nacionais terem sido esmagados. A primeira etapa iniciou-se com a revolta do Piemonte em 1848.

Em 1860, a Toscana e Emília Romana foram anexadas ao estado italiano no reinado de Vitor Emanuel I, acontecendo o mesmo no Sul com a ajuda de Garibaldi, os reinados Sicilianos e os estados pontifícios passaram para o Reino da Itália.

Em 1866 foi anexado o território de Veneza e em 1870 Roma foi conquistada, porém o Trentino e parte do Vêneto pertenceram à Áustria até 1919. Em consequência, esses reinos sofriam influências da França, Áustria, Hungria e do Vaticano.

A economia era precária, indústrias não existiam, e as terras estavam nas mãos de latifundiários com sistemas medievais onde a força de trabalho era escravista, causas das migrações do século XIX, entre outras. Produziam e não podiam aproveitar nada em suas terras, ou seja, nada era deixado para quem produzia.

Essas migrações partiram do norte da península tais como: Vêneto, Lombardia, Trentino, Alto-Adige, deste local são chamados tirolezes por esta área ser austríaca até o final da primeira guerra mundial.

Essa influência é notada na colonização no Rio Grande do Sul, onde nosso nono materno Tranquilo Luduvico Ross, dizia que o pai dele Pietro Ross, veio para o Brasil com origem austríaca. Contava também que o avô Pietro lutou nas guerras napoleônicas e ficou com uma cicatriz em uma das pernas em consequência de batalha.





Os relatos daqueles que aqui aportaram referindo-se aos irmãos e outros familiares que não tiveram a oportunidade de imigrar por falta, na maioria das vezes, de recursos e foram obrigados a permanecer sob o jugo dos latifundiários e outras agruras daquela época. Com palavras de tristeza e depreciativas dirigiam-se aqueles que detinham a posse das terras, pois exploravam os meeiros dos quais era cobrado muito além do justo para plantar. Os patrões cobravam aluguel das casas onde moravam além de terem de produzir para esses proprietários.

E, nossas bisavós eram agricultores como atestam os documentos de desembarque no Rio de Janeiro. Quem aqui aportava jamais imaginava retornar para a terra natal onde os patrões eram nada mais que verdadeiros velhacos e trapaceiros.

A agricultura era ineficiente e atrasada. Sendo insuficiente para atender o excesso de população cujas famílias eram numerosas. Restava à essas famílias, a busca de novas terras do outro lado do mar, onde a pergunta era – “o que será esta américa” cuja esperança lhe daria possibilidades de recomeço e quem sabe riquezas. Muitos conseguiram e formaram no Brasil grandes fortunas, outros nem tanto. Direcionados foram estes para fazendas de café no interior de São Paulo, as primeiras levas que chegaram, porém mais tarde, a grande maioria foi encaminhada para as terras montanhosas do Rio Grande do Sul.



Capítulo 04

Região

REGIÃO



Em visita à Itália em 2019, saímos de Veneza de Van Rumo à San Gregori Nelli Alpi. Uma parada deslumbrante nos pré-alpes na localidade de Auronzo di Cadore. Na foto estão: Rubino Tonett, Rogério Eugênio Lopes, Margrit Stüpp Tonett, Bernardo Gabriel C. Lopes, Izabela Vitória C Lopes, Klaus Tonett Möller.



Auronzo di Cadore, barragem.





San Gregorio Nelle Alpi, localidade situada a 130km de Veneza encravada nas montanhas algumas com 1.800 metros de altura, norte da Itália, formando uma belíssima paisagem capaz de encher os olhos dos visitantes de primeira viagem. É evidente que as propriedades na época da imigração, o pouco de terras boas existentes estava com poucos proprietários, restando para os meeiros a locação de poucos pedaços montanhosos com pouca ou nenhuma produtividade, pois dizia meu avô José Tonet, que usavam espingardas para fazer o plantio nessas encostas.

Ainda hoje, em 2021 a agricultura é extremamente pequena. A população de San Gregório diminui ano-a-ano segundo Valentina Lombardi funcionária da prefeitura, pois em 2019 possuíam apenas 1603 habitantes segundo ela, pois os jovens vão trabalhar nos países vizinhos como a Áustria, Suíça e França e não retornam mais.



Capítulo 05

O Brasil em Desenvolvimento

O BRASIL EM DESENVOLVIMENTO



Liberato Salzano em julho de 2021, local onde os familiares de Rubino Tonetti se estabeleceram e criaram sua família. A vista se assemelha muito à terra natal da família na Itália – San Gregorio Nelli Alpi.

A mão de obra agrícola havia escasseado muito com os movimentos abolicionistas que culminou com a assinatura da lei de abolição. Os fazendeiros de café de São Paulo e Minas Gerais ficaram desprovidos de trabalhadores escravos e seus filhos iam estudar em Paris, voltavam doutores, conseqüentemente não punham a mão na massa. Muitos fazendeiros daquela época selecionavam algum produtor humano para fazer filhos com escravas, quando não eles mesmos.

A imigração iniciou em 1875 com anúncios governamentais brasileiros direcionados às diversas regiões do velho continente com sobra populacional. Esses anúncios





destinaram-se inicialmente a Itália, Alemanha e Polônia e com o tempo muitos outros imigrantes dirigiram-se para o Brasil, América Latina e América do Norte.

Já em 1875 partiu do velho continente a primeira leva de imigrantes italianos e alemães e a estes foram destinadas as terras do Rio Grande do Sul. Muitos foram orientados para as fazendas paulistas de café. No Rio Grande do Sul as terras não despertaram interesse aos portugueses por serem montanhosas, impróprias para a criação de gado ao qual se dedicavam nos campos rio-grandenses, uruguaiois e argentinos. Já a serra gaúcha era adequada aos italianos pois eram semelhantes às terras de onde partiram e que conheciam a maneira de cultivo.

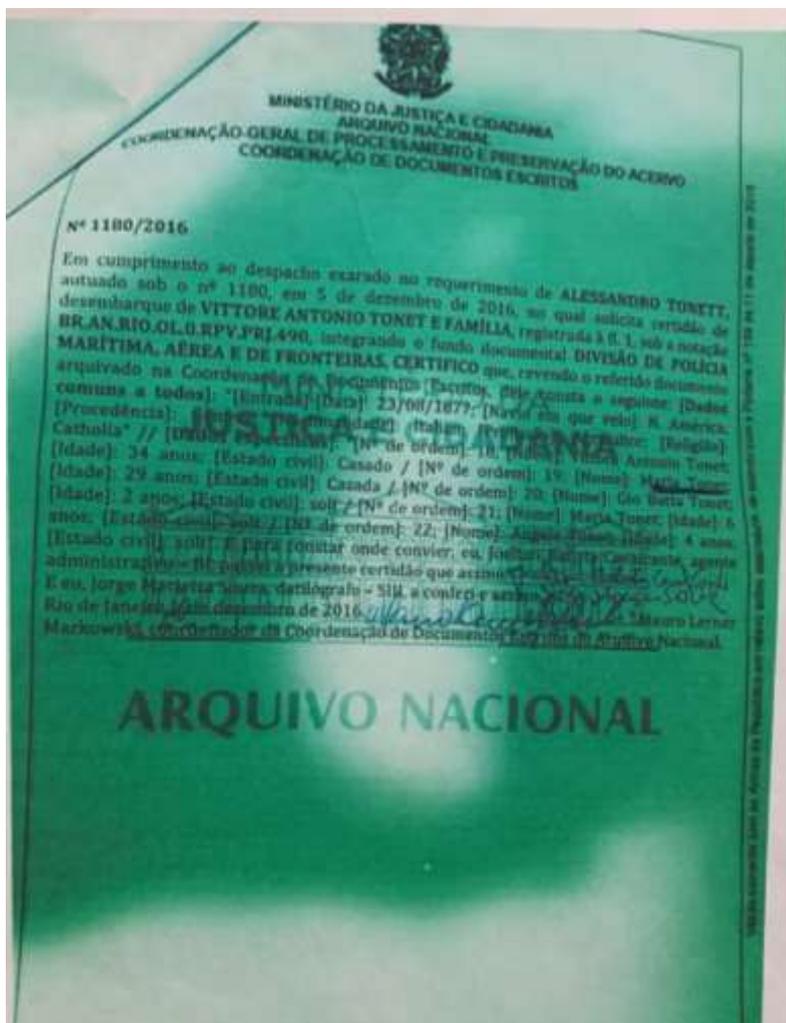
As terras eram demarcadas pelos sistemas de léguas com 5.500 metros de lado em forma de quadrilátero com estradas chamadas de travessões onde eram anotados e marcados o número dos lotes com um total médio de 132 lotes com 10 alqueires. A primeira colônia a ser marcada foi Nova Palmeira, também chamada de Campo dos Bugres e, finalmente Colônia Caxias, que iniciava na Picada Feliz até o Rio das Antas, ocupando 16 léguas quadradas, ou seja, 36km quadrados, onde foram alocados os primeiros colonos italianos. Deveriam pagar 20% dos compromissos com o governo. Alguns tiveram a dívida perdoada, porém outros seus bens foram leiloados. Somente após tudo pago recebiam os títulos definitivo do governo estadual.



Capítulo 06

A Viagem

A VIAGEM



Registro do desembarque Antonio Vittore Tonet no Rio de Janeiro.

Não foi nada fácil aos nossos antepassados deixarem a terra natal. Nossas bisavós tinham família, crianças pequenas,





adolescentes. Deixaram para trás pais, irmãos e amigos. Despediam-se deles sabendo que nunca mais os veriam. Não participariam mais dos ofícios religiosos que eram chamados pelo badalar dos sinos das igrejas. Uma coisa fazia-se importante na visão daquela gente: a esperança do que seria esta América, a esperança onde teriam propriedades para cultivar e produzir o que sabiam fazer, desta forma livrando-se como diziam, dos velhacos e desonestos proprietários das terras insensíveis e exploradores da mão de obra que na época era feita na região por seus conterrâneos. Partiram como o justo de Sodoma sem olhar para trás.

Feitos os preparativos, após muitas dificuldades partiram rumo ao local de embarque, Porto de Gênova distante 300km de San Gregório Nelle Alpi. Feito o embarque, após as informações necessárias, livraram-se dos trapaceiros numerosos também no porto, encontrando escassas acomodações na terceira classe ou porões da embarcação, onde dormiam amontoados e a higiene não existia, proliferando pestes de todos os tipos, piolhos eram os mais comuns. Muitas mortes ocorriam pois não havia médico a bordo, e os mortos eram “enterrados” no mar. Havia muita incivildade. Os napolitanos eram conhecidos por “nojentos porcos”.

Como dizia meu avô Tranquilo Luduvico Ross. Foram 36 dias de mar, aportando finalmente no Rio de Janeiro em 23/08/1877. Vittore Antonio Tonet, conhecido durante muito tempo por Antonio Tonet o que causou dificuldades, pois existe outro Antonio, e Maria Vigne, sua esposa e os filhos Maria de 6 anos, Angele, 4 anos e Gio Bata 2 anos.

Foram encaminhados para um centro de recepção dos imigrantes na ilha das Flores no Rio de Janeiro onde receberam alguns atendimentos e mínimo conforto durante poucos dias. Alguns foram ajudados por conterrâneos que se estabeleceram ao redor desta pousada ou moradores com espírito humanitário.





Formou-se um grupo e foram colocados novamente ao mar com destino a Porto Alegre.

Em Porto Alegre, subiram pelo Rio Cai em barcos menores até São Sebastião do Caí em viagem de 10 horas, onde em pequenos grupos dirigiram-se a pé ou em lombo de burros até o Campo dos Bugres, a terra prometida. Este trecho era realizado em até 5 dias.

Definido o local eram levados por funcionários da imigração para a área designada, onde iniciavam a formação de habitações compostas por choupanas cobertas por folhas de palmeiras onde se abrigavam do mau tempo, insetos e animais que viviam na região de mata naquela época. Protegiam-se dos animais silvestres que a maioria deles ia para as panelas de ferro que permaneciam no fogo o tempo todo, sobretudo no inverno. Muitas armadilhas eram criadas para este fim, a alimentação girava em torno desta caça, frutas silvestres e o abençoado pinhão sapecado na brasa do borralheiro.

Muitos porcos dos matos eram caçados pois destruíam as pequenas lavouras. Bandos de macacos eram postos para correr ou caçados pois acabavam com as plantações de milho. Esses animais eram tão sábios que enquanto o bando roubava milho, ficava um de guarda no alto de uma árvore na beira do mato para avisar os demais da chegada do perigo (chumbo grosso).

As lavouras eram feitas com muita dificuldade pois as ferramentas eram escassas. Tudo era manual. Sobreviver era a ordem. Escolas não existiam e os filhos cresciam analfabetos como a maioria dos familiares de nosso pai Alfonso. Esse também não sabia ler.



Capítulo 07

Custo da Viagem



CUSTO DA VIAGEM

Sabemos que o governo brasileiro, necessitava povoar grandes áreas em diversas regiões do então Brasil em formação. Estava à mercê dos olhos dos invasores estrangeiros. Tivemos muitos exemplos. No Nordeste tivemos as invasões holandesas e no Sul as constantes escaramuças de aventureiros uruguaiois e argentinos ávidos para se apossarem dos campos do sul, e desta forma, formarem domínios, reivindicando independência para esses territórios. Por pouco o Brasil não perdeu o Rio Grande do Sul, perdendo desta forma o Uruguai.

O governo brasileiro cobriu estes custos iniciais, elevados para a época, em torno de 500 mil réis. Esses valores foram ressarcidos com o passar do tempo, outros não conseguiram por motivos diversos e tiveram seus bens leiloados e, outros ainda tiveram sua dívida perdoada.



Capítulo 08

O Sofrimento dos Imigrantes



O SOFRIMENTO DOS IMIGRANTES

Desde sua partida da terra natal, o sofrimento era o seu lado constante. Enfrentaram as mais diversas privações; os adultos eram crescidos, mas padeciam. Agora o que descrever das crianças?

Em um texto transcrito de Atílio Tonet em o “O sofrimento dos Imigrantes”, é bem claro no que se refere aos sofrimentos dos imigrantes, onde se entende do alto grau de padecimentos e risco de perder toda a família.

“O Sofrimento dos Imigrantes”

(Revilo Costa): “Atualmente louva-se a ventura, a glória e o sucesso da imigração italiana no Rio Grande do Sul. Ao falarmos em italianos já imaginamos e os identificamos como degustadores de bom vinho, queijo, pão e salame, cantos, alegria e sagras. É interessante que seja assim e que se passe às gerações futuras essas honras e esses valores. Mas, não devemos esquecer e apagar os inimagináveis sofrimentos padecidos pelos nossos imigrantes ao longo de sua viagem e fixação nas colônias. Para termos uma ideia desses horrores passados, transcrevemos uma nota explicativa encontrada no relatório feito pelo cônsul italiano em Porto Alegre. E. Compans de Brichanteau, em janeiro de 1892, encontrada na Biblioteca Pública de Cremona. Quando há poucos dias, fomos convidados a visitar os trabalhos em andamento para as novas instalações para a imigração, em Cristal, tivemos palavras de sincero louvor ao governo Federal, que, sem se importar com despesas, terminava definitivamente com os atuais “gaiolões” (barracos em que eram hospedados os imigrantes), fazendo construir um albergue de emigração digno da cidade que Porto Alegre se julga ser.

E tantos mais nos alegrávamos pensando em estar em breve tempo, terminadas as misérias, podendo os pobres





imigrantes que chegassem até nós descansar, ao menos alguns dias, em um asilo seguro, antes de começarem aquela longa odisseia de sofrimentos que, começando no momento da partida no outro lado do Atlântico, só tem tréguas com a morte. O colono encontra alívio no lugar ao qual é dirigido, quando, porém, passado o primeiro ano e superadas as dificuldades que se apresentam ao homem abandonado a si mesmo em meio a floresta inexplorados, longe dos seus semelhantes, ele possa sair e construir uma habitação para si e para os seus com os escassos recursos que lhe são fornecidos pelos empregados da imigração.

Devemos, hoje, tristemente, reconhecer que estávamos enganados, porque, não apenas os trabalhos foram mandados para as Calendas Gregas e os imigrantes deverão alojar-se ainda, quem sabe por quanto tempo, nos imundos “gaiolões”, pois por um fulminante decreto do Ministro da Agricultura, Antão de Faria, foram dispensados todos os empregados desta inspetoria de terra e colonização, e os 2.300 imigrantes italianos chegados pelos Vapores Rio Pardo e Rio Paraná, encontraram-se à mercê de si mesmo e das doenças de caráter infectivo que os dizimam.

Nessas deploráveis condições, encontram-se privados de tudo, especialmente de médicos e medicina, como é fácil de imaginar.

Chegados a 1.200 por vez empilhados como caixas de mercadorias, em dois pequenos Vapores; que, apinhadas, podem conter 400 pessoas cada um, depois de 10 ou 12 dias de viagem, cheios e cobertos de imundícies, e com a moral batizada por longos sofrimentos, não é de se maravilhar, se a mortalidade que os golpeia inexoravelmente, seja a bordo, seja em terra, especialmente com o calor que faz.

Os tristes episódios se sucedem aos episódios mais extravagantes; famílias desanimadas; crianças que choram os pais há pouco falecidos; pais que choram seus filhos perdidos para





sempre; maridos que lamentam a perda da esposa; esposas que lamentam a perda do marido.

Nós assistimos ao desembarque de um pobre homem, pai de cinco filhos, todos em tenra idade, que descia com dificuldade a escada móvel do navio conduzindo a sua frente os filhos que choravam levando em seus braços o cadáver da esposa, falecida há poucas horas, e, deposto o cadáver, sobe novamente a escada, chorando para sair, em seguida, trazendo nos braços um outro seu filhinho morto.

É uma nota lúgubre, um só lamento contínuo, e uma nota em que predomina a revolta de ter-se voluntariamente expostos a um fim dolorosamente imaturo, longe do solo nativo, e a imprecação surda que sai raivosamente, dos seus lábios contra quem é a causa de sua desventura.

Para aumentar o abatimento de que estão invadidos, um longo e pesado “Gaiolão” ruiu na outra noite sepultando uma centena desses desventurados dos quais 16 ficaram feridos, seis dos quais, gravemente feridos.

E pensar que esses infelizes acreditam que uma vez chegados na colônia serão terminados os seus sofrimentos, quanto exatamente lá, começam as dificuldades maiores e a luta pela vida.

E com o Vapor Curitiba são esperados 700 imigrantes que vêm dividir a sorte com os primeiros.

Não acrescentemos nada, cremos seja suficiente esta narração simples de tanta miséria, de tantos tratamentos desumanos.

Não anatematizamos o trabalho de ninguém, já as palavras são supérfluas e fizemos muitas recriminações: somente, porém, perguntamos se o Brasil chama os imigrantes para povoarem a terra ou o cemitério.





Aí está o documento que revela os sofrimentos cruéis passados pelos nossos avós imigrantes, e que, sob a capa da alegria e da festa, são escondidos.

Ao lermos este relatório, lembro-me do tratamento dado aos velhos pelas novas gerações, gerações estas que desconhecem sua história e a história dos seus pais e avós muitas vezes abusando e jogando fora as economias, terras e bens que os pais e avós conquistaram com suor, e sangue. Bens estes que lhe custaram uma vida cheia de privações. Construíram em solidariedade, para seus filhos em estilo mutirão e serviço gratuito, igrejas, escolas, estradas, pontes, cooperativas tudo para deixar aos filhos o conforto que eles nunca tiveram. E agora como recompensa recebem das novas gerações, não raras vezes, o desprezo, o ridículo, a incompreensão e o abandono.



Capítulo 09

A Família de
Vittore Tonet
e Maria Vigne

A FAMÍLIA DE VITTORE ANTONIO TONET E MARIA VIGNE

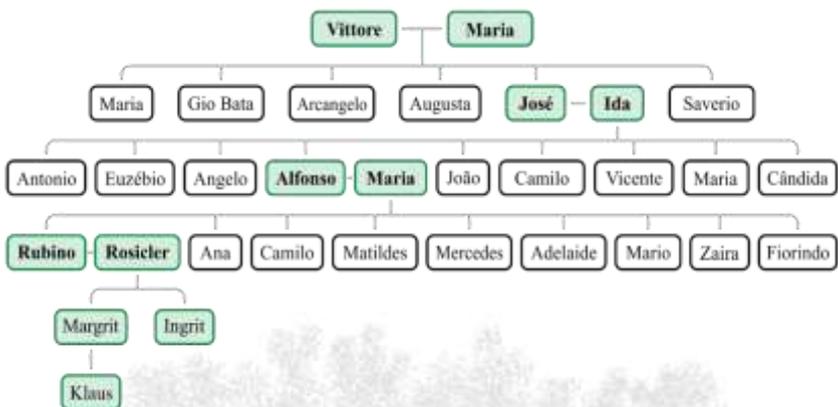
Deixaram na Itália seus pais, Giovanni Baptista Tonet e Giovanna Sasse, Giovanni Vigne e Magdalena Trojan, irmãos e amigos. Temos em SAN Gregório, algumas famílias de cognome Tonet. Visitamos uma senhora de nome Maria Tonet que não nos recebeu e com muito custo nos disse que seu tataravô assim como o nosso da terceira geração no Brasil era Giovanni. Os que hoje estão lá desprezam aqueles que partiram no passado em busca de uma nova vida na maioria das vezes atribulada e sem condições de sustentar suas famílias naquela região, sendo que muitos ainda continuam com nível de vida abaixo da média que poderíamos considerar normal aqui no Brasil. A característica física desta pessoa não escondia a semelhança com os Tonet brasileiros sobretudo, em comparativo com nosso pai Alfonso, que viveu de 1921 a 2002.

Esta família gerou os filhos: (nome de nossos tios avós).



Árvore Genealógica versão 1





Árvore Genealógica versão 2

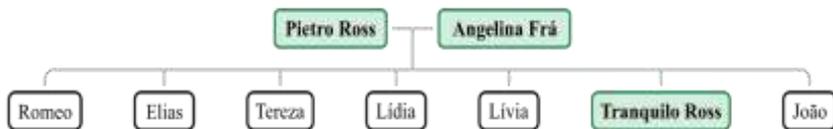
Temos parentesco com a família Vigne por parte de nossa bisavó paterna nascida em Sospirolo em 12/02/1849 e falecida no Brasil em 1901 com 52 anos e Vittore Antonio Tonet nascido em San Gregório em 31 de maio de 1843 e falecido no Brasil em novembro de 1907, sepultados no município de Vespasiano Correia – RS.

Compõem ainda nossa família:

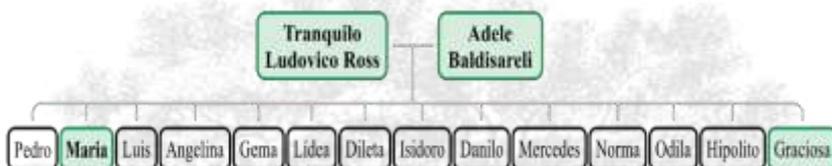
Angelo Mezzarobba e Maria Pierina Piovezana e filhos.



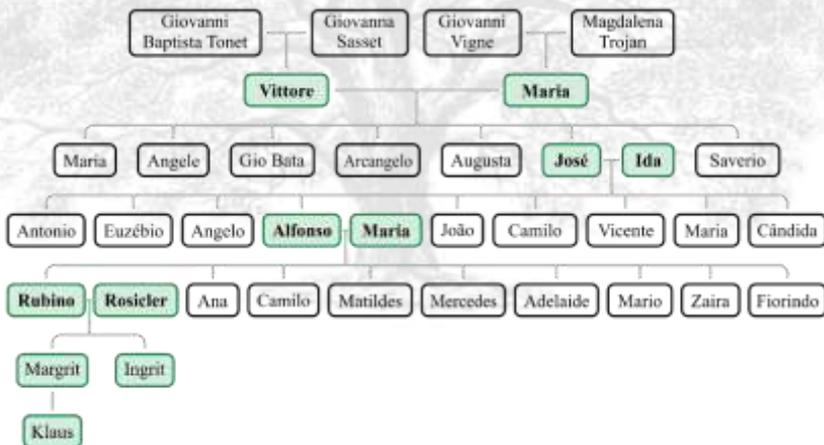
Pietro Ross e Angelina Frá e filhos



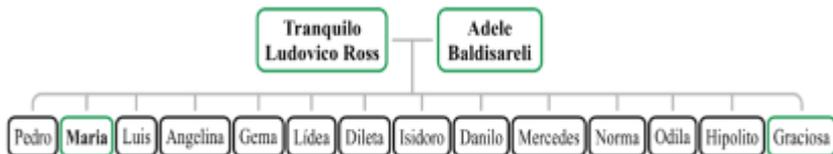
Luis Baldisareli e Maria Baldisareli e filhos



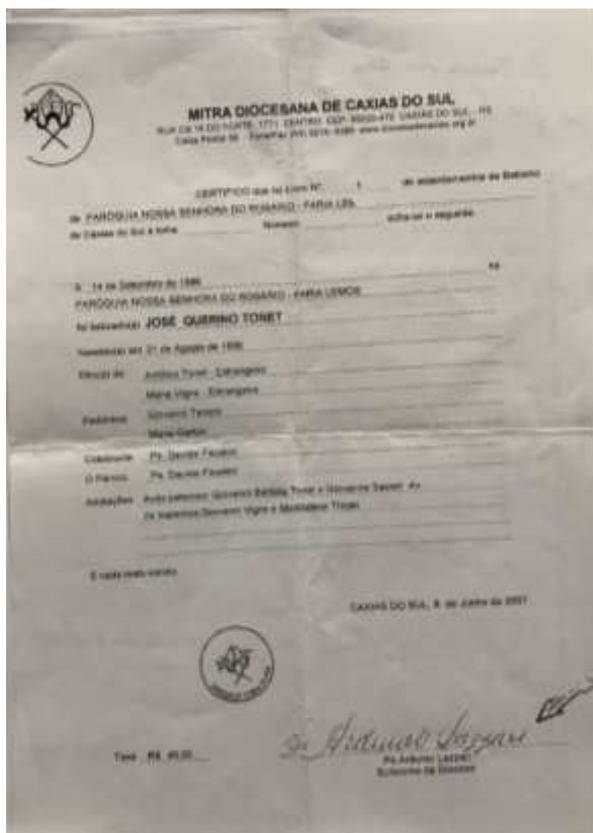
Alfonso Tonet (Filho de Jose Tonet e Ida Mezzarobba) e Maria Ross. (Filha de Tranquilo Luduvico Ross e Adele Baldisareli)



Tranquilo Ludovico Ross e Adele Baldisareli)



Certidão de nascimento de Jose Quirino Tonet

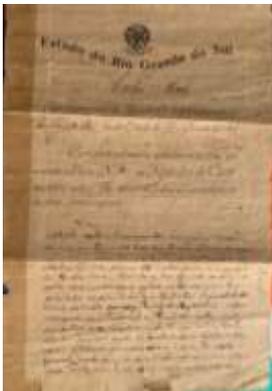




José Quirino Tonet e Ida Mezzarobba



Certidão de casamento de Jose Tonet e Ida Mezzarobba,
assim como registro de filhos





Tranquilo Luduvico Ross e Adele Baldisareli

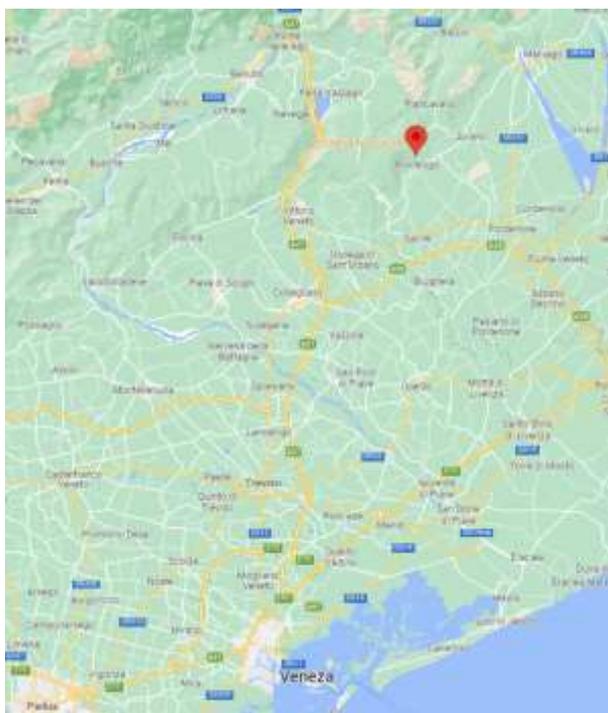


Capítulo 10

A História dos Nossos Antepassados

A HISTÓRIA DOS NOSSOS ANTEPASSADOS

Passaram-se 143 anos em 2021 do aportamento nestas terras brasileiras, da chegada de nossos antepassados, nossas bisavós: Vittore e Maria Vigne, Giovanni Mezzarobba e Maria De Bortoli, esses naturais de Mezzomonte, Pordenone Venézia GIULIA – It) (esses dois últimos, 135 anos) nossas tetravós, pais de nosso bisavô Angelo Mezzarobba, e Pietro Ross e Angelina Frá e Luis Baldisareli e Maria Baldisareli (pais de nosso avô Tranquilo Ludovico e Adele).



Localização da cidade de Mezzomonte.

<https://www.google.com.br/maps/place/33070+Mezzomonte,+Pordenone,+It+%C3%A1lia/@45.8656066,12.02694,10z/data=!4m5!3m4!1s0x477973ee05d40647:0x260709882e704881!8m2!3d46.05075!4d12.4954813>





Conforme o texto transcrito de Rovilio Costa e ditos de família temos uma noção do grau de sofrimento que enfrentaram, desde sua partida da terra natal até o destino final onde se fixaram na região de Caxias do Sul, Rio Grande Sul. Consta que nosso avô Tranquilo Luduvico Ross quando foi morar em distrito de Marcolino fazia 18 km a pé, levava três dias para ir e voltar com 30 kg de milho nas costas até o moinho dos Bonfantis perto hoje de Constantina/RS e voltava com a farinha. Consta também que para a terra que nosso avô havia adquirido em Marcolino os irmãos emprestaram-lhe o dinheiro. Ele homem bondoso acabou por emprestar este dinheiro a pessoa conhecida e ligada a família para comprar um veículo, ou caminhão isso 1946. Chegado o prazo para o pagamento da parcela da terra, nosso avô não havia recebido de volta o dinheiro que havia emprestado para a compra do caminhão. O proprietário vendedor da terra Sr. Máximo Dalla Corte, no dia exato do vencimento da promissória chegou para cobrá-la, encontrando nosso avô desprevenido, conversa nenhuma conseguiu convencer o Sr. Máximo a lhe conceder um novo prazo, exigindo desta forma a devolução da propriedade e de forma imediata, deixando nosso avô na pior situação possível. Consta que nosso avô era compadre deste Senhor e que mais tarde muito doente mandou chamar nosso avô quando próximo do fim da vida para se desculpar pelo fato. Nosso avô devolveu-lhe o chamado dizendo que deveria morrer com esse peso, pois o que ele havia feito não se faz com ninguém deixando uma escadinha de filhos estrada afora conforme foi dito pela filha Dona Maria Ross. Foi atingido duramente pela situação. Porém não desaminou e foi em busca pela região. Teve a felicidade de encontrar em Rodeio Bonito uma propriedade de uma viúva que lhe vendeu a terra para pagar a longo prazo. Logrou conseguir criar sua família e ainda ajudar os netos, filhos de Alfonso. Um fato preponderante ocorreu com a saída de nosso avô de Ilópolis–RS, os irmãos mais velhos lhe emprestaram uma soma em dinheiro para fazer frente as primeiras parcelas da compra da





primeira propriedade, aumentando o problema pois deveria com o tempo devolver o dinheiro aos irmãos mesmo estes serem abastados, fato ocorrido algum tempo mais tarde, quando encontraram a nova moradia de nosso avô Tranquilo Luduvico Ross. Este trancou-se no paiol e chorando dizia-lhe que não tinha o dinheiro para devolver. Em consequência disso nunca mais voltou para sua cidade natal para visitar seus familiares. No tempo que passei a infância com ele nunca o ouvi falar de seus irmãos o que me levava a crer que não tinha irmãos, com exceção de seu pai. Na velhice desse, alguns filhos foram vendendo aos poucos esta propriedade e acabou virando em nada.

Estes imigrantes tinham aos seus olhos fartura de terras onde pisavam e que podiam orgulhar-se de que aquela terra era deles, porém eram desprovidos de recursos básicos para a sobrevivência. Era incalculável a penúria daquela época.

Além dos três filhos que vieram pequenos da Itália; Maria, Angele, e Gio Bata, temos a primeira geração brasileira. Somente após alguns anos surgiu a necessidade de procura de novas áreas pois a família havia crescido e foi necessário emancipação o que levou nosso avô José Tonet e seu irmão Arcangelo a procurarem novas terras.

Em 1901 faleceu a mãe Maria Vigne e em 1907 o pai Vittore Antonio deixando órfãos sete filhos jovens e crianças que não sabemos como, mas prosseguiram com a vida.

Reunidas as forças venderam a propriedade da família, feita a divisão migraram para o norte do estado onde adquiriram 20 alqueires que foram divididos entre Alfonso, João, Euzébio e cinco alqueires ficaram para o pai José terminar de criar a família.



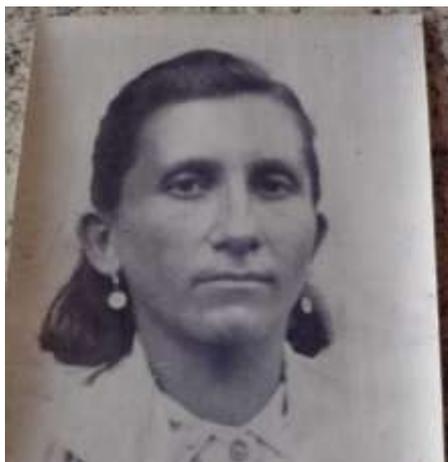
Capítulo 11

A Família de
Alfonso Tonet
e Maria Ross

A FAMÍLIA DE ALFONSO TONETT E MARIA ROSS



Alfonso Tonet e Maria Ross (pais de Rubino Tonett)



Maria Ross – 1955 com 30 anos





Maria Ross com 90 anos
de idade



Alfonso Tonet – 1938
com 18 anos



Alfonso Tonet e Maria
Tonet com os netos:
Margrit, Liana,
Henrique, Vanessa,
Ingrit (ano aproximado
1995).



Maria Tonet com os netos Gilvete, Margrit, Paulo e os bisnetos Joaquim e Klaus (Natal do ano 2018)



Alfonso e Maria Ross casaram-se ainda em Ilópolis em janeiro de 1945 antes da viagem com a cara e a coragem. Fizeram a viagem levando a mudança em pequeno caminhão, algumas panelas de ferro, outros pertences, o colchão feito de palha de milho (scartossi), até hoje Constantina, entretanto o dote ou presente mais importante de casamento recebido de sua mãe Adele, nossa futura avó, foram um galo e duas galinhas, uma verdadeira riqueza para aquela época. Esse presente perdura até os dias de hoje 2021 setenta e sete anos depois. A estirpe dessas galinhas permanece ainda com grande exuberância. Daí partiram para Marcolino, caminho mais difícil ainda, pois a região é muito montanhosa e quebrada e a estrada não passava de uma picada, um dos distritos de Sarandi na época Marcolino, Baitaca e finalmente emancipado em 1959 como Liberato Salzano.

No primeiro ano houve a posse da área, fazendo roçada, derrubando mato para fazer o plantio sobretudo de milho. A





madeira para a construção das casas foi toda serrada a braço ou feita a machado e a cobertura também era de tabuinhas (scandole). Havia perfeita integração entre Alfonso e João Tonet para a execução deste trabalho, ou seja, trocavam os dias de trabalho. Tudo era difícil e a vila de Marcolino ficava distante 10 km, somente a cavalo ou a pé. Dinheiro não existia, pois, a agricultura era rudimentar e o produto, o pouco que era colhido não tinha valor comercial, ou seja, as privações eram constantes.

Com a família em crescimento, uma escadinha de filhos nosso pai na época da febre de ir para Santa Catarina acabou por vender a propriedade em Liberato. Comprou em São José dos Cedros/SC, uma área de 10 alqueires, perdeu o negócio, dinheiro e não sabemos porque ele não foi morar naquela localidade. Acabou por ficar em Liberato, onde comprou outra propriedade na Linha Bom Retiro, desfazendo-se posteriormente e ficando sem nada pois o comprador negou pagamentos. Fomos morar no sótão da casa de nossa avó Ida Mezzarobba, onde a regressão patrimonial de nosso pai foi ao extremo ao ponto de vizinhos dizerem que o “Fonso”, apelido dele, foi a ruína ou como diziam “le en dato a mucho”, até que surgiu uma boa alma de nome Alfredo Vigne, nosso parente, que vendeu a perder de vista a propriedade atual na linha Vitória, onde nossos pais conseguiram criar nove filhos com muito suor de nossa mãe que lutava para por comida na mesa com muita persistência e força de vontade.



Uma Vida

Capítulo 01

Rubino

RUBINO



Rubino, Ana, Camilo, Matildes, Mercedes – 1952.

No que seria uma bela manhã de quarta-feira, 01 de novembro de 1945 um dia muito frio segundos os ditos de minha mãe, então com vinte um anos de idade chamou meu pai que se encontrava na lavoura nas proximidades de casa pois já andava meio preocupado: “a bolsa estourou, mas que bolsa? *“Vá chamar la Pasucha”*”; e lá vai ele chamar a parteira prática daquela época, num pé e voltando no outro. Feitos os preparativos, a parteira parte para o nobre e responsável trabalho. Depois de um bom tempo meu pai ouviu um choro de recém-nascido, o primeiro de uma penca, que lhe acalmou a curiosidade e a expectativa por ter nascido um menino. Naquela época não havia como saber antecipadamente o sexo, somente com o nascimento.

As condições daquela fase da história e construção da família eram as mais precárias possíveis. Não havia médicos, recursos para atender uma família onde a cada dois anos a parteira





era chamada para ajudar no nascimento de outro irmão acabando por formar uma escadinha. Com o passar dos anos algumas pequenas comodidades começaram a surgir, como a energia elétrica instalada somente em 1992. Nos primórdios era com lampião a querosene ou banha de porco no decorrer da segunda grande guerra. Éramos como filhotes de passarinhos, no momento mais apropriado aprendíamos algum grau de sobrevivência procurando apoio no sustento na mata com a caça de aves utilizando arapucas, frutas silvestres e mais tarde com o avançar da idade, utilizando o bodoque e espingarda de fogo. Era o máximo da afirmação quando atingíamos esse estágio, pois se tratava de auto- afirmação.

Nosso pai se esmerava na lavoura de trigo, milho, feijão e criava porcos raça duroc, para o consumo e venda, com parte do trigo e milho levados ao moinho dos Bonfanti próximo a Constantina, distante 18 km.



Capítulo 02

Sustentabilidade

SUSTENTABILIDADE



Alfonso Tonet (ano aproximado – 1952).

A caça e a pesca eram abundantes até os anos de 1960. Aos sábados de madrugada nosso pai acionava o pinguel de disparo da espingarda tipo pica-pau para chamar os cachorros e prontamente a “CAGNETA ROSSA” liderava a situação. A dupla era aparelhada com coleira especial para ser conduzida adequadamente. Alfonso e seu irmão João dirigiam-se para as





terras de Sebastião Ferraz e tio João ia para as terras de Santo Marcolan, aguardando os cachorros a tocarem os veados para o Rio da Várzea destino final, a água que era um refúgio pois os cachorros perdiam o rastro e eram impiedosamente mortos, um ou dois e levados para casa para a carne da semana ou quinzenal. Com essa frequência, uma hora acabou com os pobres e inofensivos animais. Tratava-se de alimentação mais também de um grande esporte.

Em época de rio baixo e água limpa a dupla de irmãos pescava com fisga durante a noite com luz de cintilena a carbureto nas corredeiras do rio da várzea, onde o peixe cascudo era muito abundante o que permitia levarem para casa dois ou três sacas de linhaça cheios o que fornecia carne por 15 dias ou mais depois de limpos e salgados para conservá-los.



Capítulo 03

A Infância

A INFÂNCIA



Rubino (3 anos) e Ana (2 anos) – 1948.

A infância ia correndo para os quatro primeiros irmãos, Rubino, Ana, Camilo e Matildes. Não havia recursos. O conforto era mínimo ou não existia. A casa era de madeira bruta, tábuas serradas com força braçal por meu pai e tio João especialistas no assunto, sem forro o que favorecia a entrada de insetos, sobretudo,





durante a noite. As camas eram equipadas com colchões de palha de milho e com frequência serviam de morada de percevejos (simisi). O inverno era rigoroso e sempre com muita umidade. A neblina ou geada não se dissipava antes de uma hora da tarde. Tínhamos na cozinha o que se chamava de chapa, ou borralheiro para fazer fogo e cozinhar. Consistia em uma caixa grande de madeira cheia de terra e barro moldado com uma chapa em cima com espaço inferior interno onde era feito o fogo. Na boca da chapa havia uma plataforma para não cair brasas no chão. Aí eram apoiados os pés para aquecê-los durante os dias e parte da noite. Batatas eram assadas embaixo das cinzas e brasas, até mesmo laranjas eram cozidas neste método.

As crianças ajudavam nos afazeres da roça, levando para o pai e a mãe alguma coisa. Na época da colheita do milho eram colocados os apetrechos no cavalo, lembro da égua vermelha, chamada de “égua rossa”, e um cesto de taquara de cada lado da cangalha e o mais velho dos irmãos tinha a honra de ajudar a transportar o milho de cima do morro até o paiol perto de casa percorrendo uma distância entre ida e volta de dois mil metros, sendo que na ida a gente ia montado em terreno altamente acidentado.



Capítulo 04

As Brincadeiras



AS BRINCADEIRAS

As crianças por si só já fazem artes ou brincadeiras, imaginem se o ambiente os favorece. Capoeiras e mato não faltavam, árvores... Subir nelas para descer pela ponta dos galhos sem quebrá-los era a maior diversão e valia competição. Caçar passarinhos com estilingue quando a gente aprendeu a usar esta pequena arma artesanal era normal. Enfim, passarinho com polenta era um ótimo prato.

Tínhamos uma tia avó, Augusta Tonet, irmã de meu avô que de tempo em tempo nos visitava, trazendo roupas e outras necessidades para nos ajudar. Não sei a causa, mas eu gostava de me esconder atrás de alguma coisa para alvejar a tia na bunda com o estilingue e após correr para o mato ouvindo os improperios dela por um bom tempo: “bruto canne mi te porto ei dolci e ti te me tire bocade nelle culate”.

Aos dez anos, fui visitar o padrinho de crisma Francisco Confortin e lá chupei uma barrigada de melancia. Alguns dias após fui levado para a cidade no caminhão de João Vigne, onde estive internado no hospital por muitos dias. Dizem que escapei por pouco. Não era a hora ainda, pois o médico daquela época colocou os poucos recursos médicos disponíveis para me recuperar. Felizmente apresentei recuperação após alguns dias com a ajuda de uma moça da família Pizzi, vizinha de enfermaria que me ajudava na animação diária.



Capítulo 05

As Artes



AS ARTES

LA CARRIOLLA

Entre a juventude ou até antes havia uma grande necessidade de extravasamento que fazia parte da própria fase de crescimento. A infância necessitava de algo para movimentar o organismo em fase de progressão infantil. Parecia que se não houvesse alguma travessura para fazer as pernas não ergueriam o corpo. Muitas artes eram feitas. O interessante que sempre longe da vista do pai Alfonso e da mãe Maria. E lugar para se esconder não faltava no meio do mato. As crianças de um vizinho, Ido Zobot e Gerson Zobot sempre colaboravam para a festa. Árvores para subir a nível de aposta para quem chegasse mais alto era normal. Tomar banho no córrego quando as tias Maria e Cândida lavavam roupa mais abaixo somente para sujar a água, isso era corriqueiro. O detalhe importante, um belo dia uma delas resolveu sorrateiramente recolher a roupa da gurizada. Imaginem o desespero para conseguir reaver cada um a sua roupa. Foi necessário improvisar uma tanga de folhas. Em determinada ocasião foi inventada uma espingarda com um canudo de bambu e usado para isso pólvora que nosso pai usava para caçar com espingarda normal. O canudo explodiu deixando os caçadores com a cara cheia de carvão. Ninguém se feriu com os estilhaços.

A mais interessante de todas foi a adaptação de um carinho, “*carriolla*” de madeira usada para carregar pasto, lenha e outras coisas no dia a dia. Esse carrinho era idêntico aos de nossos dias usados na construção civil e outras finalidades. Qual foi a brilhante ideia: foi feito meio improvisada uma canga e pregada entre os cabos invertendo-se a frente da carriolla. Agora usar qual animal para puxá-la? O bezerro era grande demais e não cabia entre os cabos. A cabrita, logo a cabrita que o pai Alfonso havia comprado para o leite do irmão Camilo, pois este não se adaptou com o leite materno e a mãe Maria estava em apuros para criá-lo e quero crer que foi por isso que ele ficou meio baixinho.





A cabra era mansa, não se importou em colocar a canga no pescoço, e bem amarrada que foi para não se soltar. Arrumado o cabresto com as rédeas e alinhado o carinho na estrada da roça com a intenção de buscar pasto para a criação, aos primeiros passos, essa cabrita virou um saci-pererê no meio da plantação de milho deixando um rastro por onde passava. O condutor nessa altura havia voado fora no primeiro pinote, perdendo desta maneira esse lindo transporte. A cabrita só parou no mato já no fundo do vale perto de uma pequena queda d'água conhecida por perauzinho. O carrinho ficou destruído ao bater nas pedras e tocos de árvores. A cabra acabou por se salvar e o irmãozinho Camilo não perdeu o leite de uma teta pois a outra era para um cabritinho com poucas messes de vida.

Naquela época olimpíadas no interior não existiam a não ser algum jogo como bocha, mas somente para adultos. Entretanto naquele dia eu e meu pai corremos 100 metros rasos morro acima em dez segundos, evidentemente, eu sempre na frente, pois ele vinha atrás com uma vara de rabo de bugio na mão. A mãe Maria acompanhando desesperada, não preocupada com os corredores atletas e sim com a cabra, pois precisava desta para o leite da mamadeira. Felizmente a cabra se acalmou e nada sofreu nesta empreitada. Somente danos materiais.



Capítulo 06

A Mudança



A MUDANÇA

Em 1956 nosso pai Alfonso resolveu vender a propriedade onde nascemos. Dirigiu-se para o oeste de Santa Catarina, hoje São José dos Cedros, acredito que influenciado pelo irmão mais velho, meu tio Euzébio, ou por outro que desistiu de ir como companhia, onde comprou uma propriedade muito maior e pelas informações, melhor. Um excelente negócio para aquela época com oportunidade produtiva adequada ao crescimento da família. Entretanto, alguns atrapalhos começaram a surgir, possível doença de uma irmã, e local para o ensino primário dos filhos, pelo menos o básico acabou por colocar nosso pai numa encruzilhada de difícil saída. Enfim, não temos a causa correta da não ida para a nova propriedade, acabando por desistir de morar naquele novo lugar. E, por uma sucessiva negociação mal feita perdeu a nova área, entrada dada, acabando por perder tudo, ficando literalmente no mato sem cachorro com uma penca de filhos. Comprou com o pouco que restou da venda da primeira moradia um terreno de dez alqueires na linha Bom Retiro, não sabemos porque não gostou ou não deu certo no final acabando por desfazer-se também daquela área. Vendida a área, recebeu parte do negócio, porém o comprador deixou de pagar as parcelas restantes não sabemos se nosso pai levou uma pernada nesse negócio. Ficou com a propriedade apenas com o pagamento da entrada negando o pagamento do saldo. Não sabemos o final. A situação ficou pior do que se imaginava pois o comprador de nossa casa e área exigiu a entrega e posse da terra já paga e o compromisso naquela época era cumprido mesmo que no fio do bigode.

Fomos morar de favor no sótão da casa da nona Ida, duas tias nossas Maria Tonet e Cândida Tonet, e parte do porão da casa na Linha Vitória, hoje propriedade de Camilo Tonet, nosso irmão, por longos três anos.





O ambiente era totalmente inadequado pois a família era grande, crianças fazendo artes. Não éramos bem vistos pela família que nos deu guarida diante do tempo se alongando e sem uma definição apesar de tias e avó. Não tínhamos um pedaço de terra para o plantio de algum produto que era o que nosso pai sabia fazer. Passamos a viver com o pouco que nossa avó tinha do sustento dela e filhas, nossas tias. A situação tornou-se dramática.



Capítulo 07

A Casa do Avô Tranquilo Ross

A CASA DO AVÔ TRANQUILO LUDOVICO ROSS



Tranquilo Ross

Os filhos precisavam de escola. Onde? Enfim nossos pais Alfonso e Maria conseguiram um local na casa de nossos avós Tranquilo e Adele Ross aos quais muito lhe devo e também por parte de outros irmãos, mais tarde a Ana e finalmente o nosso último irmão Fiorindo, em Rodeio Bonito/RS.

A vida na casa do avô seguia em ritmo acelerado. A nona Adele sempre tinha alguém para ajudá-la nos afazeres domésticos e acompanhá-la até a divisa com Palmeira das Missões, para o interior de Rodeio Bonito partindo de manhã cedo a cavalo e retornando à noite, de tempo em tempo para tomar injeções, nunca perguntei a doença ou a finalidade. Na cidade de Rodeio não havia quem aplicasse.

O nono Tranquilo contava com minha força de trabalho para ajudá-lo na lavoura, limpeza de lavoura de milho ou outros produtos. Ele usava os cavalos para malhar o feijão colocado em cima de grande pano, na prática lona, onde era colocado o feijão na palha em dia de sol bem quente espalhado em cima desta lona. Eu montado em um dos cavalos e nosso tio Danilo em outro ou as vezes um só, puxando os dois cavalos andando em círculo. O constante pisotear dos cavalos sobre as vagens acabava por soltar os grãos do feijão o que facilitava enormemente a limpeza





posterior com a ajuda de uma pá e ou garfo para revolver para o alto a palha dos pés de feijão. O vento fazia a sua parte. Era uma bela obra de arte primitiva, porém dava resultado.

Um fato lamentável ocorreu na casa de nosso avô Tranquilo e Adele em 1958. Ao retornar da escola no colégio das irmãs em Rodeio, em torno de meio dia percebi um forte cheiro de veneno cianureto usado para matar formigas naquela época e como o nono estava na roça era normal permanecer o cheiro onde fora manuseado durante algum tempo até se dissipar. Não encontrado, dirigi-me para o porão da casa onde eram guardados esses produtos, para surpresa e espanto meu encontrei a tia Mercedes então uma jovem moça de vinte dois anos agonizando atrás de uma caixa grande de madeira. Chamei o nono que se encontrava no fundo da roça, porém não havia mais o que fazer; tirou a sua vida tomando uma caneca de veneno para formigas. Era uma pessoa fisicamente linda, porém muito quieta e introspectiva e reservada. Nunca soube de perto a causa do ocorrido tão trágico, ou me faltava discernimento para tanto.



Capítulo 08

O Recomeço



O RECOMEÇO

Foi quando surgiu alguém que por coincidência era nosso parente de posse de uma propriedade na região e resolveu vendê-la a quem interessasse. Pretendentes não faltavam, pois, a área era muito boa.

O Senhor Nosso Criador providenciou uma morada para nossa família ouvindo misericordiosamente nossas humildes orações. Presenciei muitas vezes nosso pai Alfonso na casa da mãe dele nossa vovó Ida chorando sob a sombra dos pessegueiros e adoentado, diante da situação que se encontrava e com uma escadinha de filhos para criar. Enviou-nos dois grandes benfeitores, o primeiro Alfredo Vigne, nosso parente que possuía a propriedade de grande importância. O segundo também importantíssimo senão o principal, Alberto Pensin, morador da região, que sabendo da situação miserável de Alfonso Tonet e uma escadinha de filhos, e sem dinheiro pois não tinha de onde tirar, ou como diziam as más línguas, não tinha onde cair morto, outros “Fonso le en dato a mucho,” num belo dia foi visitá-lo na casa de nossa vovó Ida e lhe fez uma oferta irrecusável, a qual Alfonso por questão de orgulho estava declinando. Após muita insistência de Alberto, aceitou um empréstimo no fio da palavra num total para entrada de Cr\$-35.000,00 (trinta e cinco mil cruzeiros) para ser pago como pudesse segundo consta, sem documentos. Alberto muito trabalhador e abastado, abriu um comércio na sede da vila com loja de tecidos, produtos industrializados, ferramentas as mais diversas possíveis para o uso dos colonos em suas lavouras naquela época, maquinário primitivo. Eram pagas com os produtos agrícolas. Eventuais sobras este comerciante as comprava pagando em dinheiro ou ficavam em depósito como crédito futuro. Desta forma, nosso pai Alfonso com muito esforço foi reduzindo a enorme dívida do empréstimo e ao mesmo tempo pagando o saldo do débito ao





vendedor da terra. Pelo que consta conseguiu fazer isto em nove anos com muitos sacrifícios de sol-a-sol.

Iniciada a preparação para a construção da nova morada com muito esforço de meu pai Alfonso. Naquela propriedade havia muita madeira de lei, pois estava coberta de mata ainda do tempo de Cabral. Foram tiradas torras de canela branca, angico, guatambu, sacrifícios de grápia e sabe lá mais quantas, totalizando para a construção da casa, 51 toras de primeira, a terça parte que coube a nossa família pois a serragem foi feita a troco de madeira, com viva memória ainda em nossos dias. Madeira suficiente para construir cinco casas do estilo daquela época e necessidade pois a meu pai lhe coube 17 toras. Faltou madeira porque o madeireiro selecionou evidentemente as melhores para ele comercializar. Foi um início de muito trabalho com a participação dos filhos já crescidinhos na construção da casa, paiol e pequenas construções para abrigar os produtos e pertences para o uso na propriedade. O serrote traçador era uma ferramenta de muito uso para o corte de madeira, sendo eu o acompanhante neste trabalho com elogios de meu pai dizendo que eu ganhava dele no vai-e-vem do serrote.



Capítulo 09

A Decisão

A DECISÃO



Seminário Nossa Sra da Salette em Marcelino Ramos/RS

O caminho para a escola foi encurtado em aproximadamente quinze quilômetros. Foi aberta uma nova picada nos fundos da propriedade que meu pai havia adquirido facilitando enormemente a ida para a escola, pois até a pé era possível ir em uma hora e meia em cada trajeto.

A família ia crescendo em número e tamanho, pois as crianças cresciam no ritmo da vida, porém os primeiros chegaram à juventude o que se iniciou uma nova demanda. Qual o destino que estes filhos tomariam daí para frente? Com certeza meu pai se perguntou muitas vezes, pois era costume os pais ajudarem a comprar terra para os filhos iniciarem uma nova família, assim como seu pai havia feito com ele e alguns de meus tios Euzébio e João. Era impossível pensar nessa linha sem preocupação, e a família ainda não estava concluída numericamente, apesar de que





posteriormente alguma coisa foi feita neste sentido com o esforço de todos aqueles que se encontravam em casa.

Chegamos ao final do ano de 1960. Término de ano do ensino primário em Liberato Salzano, já emancipado pelo esforço de Geraldino Marcolan e o médico Dr. Azambuja. Foram os fundadores deste Município. Entretanto não foram agradecidos pela nova comunidade, elegendo para primeiros administradores esta dupla, acredito por ingratidão. A situação se apresentava sem perspectiva, ou continuar mais um ano no colégio primário em Liberato e aguardar o futuro desconhecido.

Nessa época a comunicação era muito escassa. As informações chegavam com muito atraso quando surgia alguma novidade. Pouca coisa se ouvia falar a respeito de colégios internos masculinos para a preparação e ordenação de padres nos locais retirados do interior onde havia visitas do padre em comunidades, raramente para missas e batismo, ou crismas onde o próprio bispo chegava a cavalo percorrendo trinta quilômetros com a comitiva partindo de Constantina. Imaginem que aquela região pertencia a Diocese de Passo Fundo, distante 150 km, e o bispo ia fazer a crisma. Era uma festa com foguetório e recepção de boas-vindas. Conta-se uma fato boas-vindas: *“Na volta ele Vescovo gera drio arrivare tel la chieseta de la Linha Vitória. El presidente dela chiesa el gá fato reunir el popolo e urlava viva, viva el vesco, ma tuti quanti quieti, no ei voleva parlare ou levar le mane. E sto presidente el se gá em rabiá, gá dito uma bestemia e allora tuti quanti el lo giutá a dire viva em Vesco piú forte ancora”*.

Com o tempo surgiu a figura do padre promotor vocacional, mas na maioria das vezes era o próprio pároco nas visitas a comunidade que durante a homilia de uma hora, perguntava aos meninos se queriam estudar para padre, e as meninas se queriam ir estudar para freiras. Lembro-me do Pe.





Lázaro Rubbo que muito trabalhou em Liberato na formação da comunidade e na construção da atual igreja. Deixou a sua marca.

Alguns jovens, dadas as circunstâncias familiares eram motivados para esta finalidade. Era de certa forma a única maneira de promoção humana possível e era uma das maneiras de estudar fugindo desta forma do cabo da enxada e a agricultura familiar praticamente para subsistência.

No final deste mesmo ano 1960, Arcangelo Vigne retornou de Roma onde havia concluído os estudos de filosofia e teologia e ordenado sacerdote pela congregação de Nossa Senhora da Salete, tornando-se assim missionário saletino no ministério da música durante toda sua vida sacerdotal, deixando inclusive obras. Foi sepultado no Rio de Janeiro. Seu pai era primo irmão de meu avó José Tonet, sendo, portanto, parente meu em terceiro grau. Nossa bisavó Maria Vigne era tia do Pai de Padre Arcangelo.

Com o seu retorno da Itália deste filho ilustre, seus irmãos fizeram uma grande recepção e festa pelo fato inédito, uma ordenação sacerdotal oriunda daquela grota. Lembro-me ainda do churrasco e da gasosa daquele dia memorável. Nesta ocasião meu pai Alfonso então preocupado com o futuro dos filhos sobretudo com os três mais velhos, manteve uma boa conversa com Pe. Arcangelo para conseguir apoio com o intuito de conseguir meu envio e acesso aos estudos seminarísticos recebendo por parte deste total apoio e confirmação posterior. Meu pai orientou-me outras vezes, sobretudo no dia-a-dia na capina e limpeza das roças. Certo dia sentados no meio do milharal na sombra de um coqueiro, acredito que na última tentativa de convencimento, aproveitando a oportunidade do calor daquele dia em torno de onze horas da manhã voltou ao assunto colocando a situação da família e das vantagens de ir ao seminário. O estudo que lá receberia era para a vida mesmo que eu desistisse de ser padre dizia-me. Evidentemente que houve nova negativa o que deixou





meu pai entristecido, pois ele dizia não ter nenhuma condição de comprar alguma propriedade ou como dizia um pedaço de terra para que um dia pudesse constituir uma nova família e seguir a vida. Alguns dias depois comuniquei a meu pai que estava disposto a seguir para Marcelino Ramos no Seminário Nossa Senhora da Salete.

Feitos os preparativos, minha mãe arranhou algumas roupas, poucas para tal importância. Obtidas algumas informações, meu pai e eu, em 04/março/1961, partimos de Liberato com parada em Erexim, onde almoçamos numa pequena bodega servindo-nos de um prato de macarrão. Chegamos no Seminário às seis horas da tarde onde fomos recebidos pelo Pe. Fioravante Basso, reitor do colégio, o qual chamou a freira encarregada do dormitório e roupas para providenciar uma cama e armário para guardar os poucos pertences. No dia seguinte o Pe. Fioravante fez alguns testes de conhecimento, por sorte minha fui matriculado de imediato no primeiro ano do ginásio, pulando assim a quinta série primária, que eu teria que terminar em Liberato ou parar como meus irmãos fizeram. Com isto ganhei um ano, enquanto que outros concluíam o primário no próprio seminário numa série especial.



Capítulo 10

A Rotina

A ROTINA



Grupo de seminaristas que estiveram no Seminário Saletino em Marcelino Ramos R.S nos anos de 1961 a 1967.



Rubino Tonett (3º da fila) participando de uma das muitas atividades culturais do Seminário daquela época.





Trabalho pastoral realizado pelos seminaristas Saletinos em União da Vitória no ano de 1968. Sendo eu o segundo da direita para a esquerda.

Após ter sido aceito no seminário fazia-se necessário adaptar-se à rotina diária. As seis horas da manhã, alvorada feita pelo Pe. Vigilante, arrumação da cama, fila para higiene nos sanitários e com muito silêncio. As seis e trinta oração matinal no santuário, sete horas café da manhã e recreação. Oito horas início das aulas, dez e vinte recreio e aulas até onze e cinquenta e doze horas almoço e recreação e estudos. As quinze horas lanche e após trabalhos diversos até as dezoito horas. Todos tinham uma determinada tarefa: lavoura, pomar, galinheiro, vacas, porcos, cilagem, hortas, coelhos, civil, elétrica, carpintaria e diversos. Tudo isto administrado pelo Reitor Pe. Fioravante, um homem de enorme capacidade e visão de trabalho para manter uma comunidade de trezentas pessoas praticamente autossuficiente. Muito pouco era buscado fora. Passávamos por diversas atividades por motivo de aprendizagem, lembro-me que a mais extensa que exerci foi na manutenção elétrica.

Ao exercer esta atividade os encargos eram enormes. Em duas horas eu tinha como tarefa repassar todos os setores da





enorme casa do seminário, galpões, e sobretudo os galinheiros e os chiqueiros. Feito isso estava concluída a tarefa em torno de seis horas da tarde. Em determinado dia, após as 19 horas já encontrava no santuário junto com todo o grupo para as orações antes da janta, quando alguém bateu no meu ombro e fui chamado para fora do santuário onde me aguardavam o Reitor Pe. Fioravante, juntamente com a Monegueta com dois pintos na mão mortos. O que eu ouvi do Pe. Superior, não me recordo mais. Argumentei que eu havia verificado todos os focos e pontos de aquecimento dos galinheiros que eram equipados com lâmpadas naquela época e tudo estava em ordem e em funcionamento. De nada adiantava explicar. Lembro-me da frase final do Pe. Fioravante: “só não te expulso do seminário porque você é parente do Pe. Arcangelo”. Doeu muito porque eu não devia e também não sei onde a freira encontrou aqueles dos pintinhos mortos. Pelo que indicava deviam ter morrido por excesso de lotação no local e o encarregado deve ter encontrado uma maneira de se livrar deles ao mostrá-los para a freira em hora oportuna.

As dezoito e trinta, orações no santuário e após a janta recreio e estudo até as vinte e duas horas quando todos iam para o dormitório. Aos sábados tarefas físicas, ginástica e outros jogos, atividades laborais, estudos a tarde, orações e recreação a noite. Aos domingos celebração solene as dez horas com o coral entoando belíssimos cantos litúrgicos em latim e após o concílio vaticano em português. Neste ponto começou a degeneração da tradição e desistência geral. Durante a tarde havia jogos de futebol, músicas ampliadas por cornetas rodando os discos de Roberto Carlos e outros, transmissão de jogos do grêmio e inter pela rádio Guaíba. Após o jantar havia recolhimento para o estudo e planejamento da semana.

As regras e o comportamento eram importantes e principalmente para serem observadas. As orientações em casos extremos, em atos graves praticados por alguns, como aqueles que aos sábados à noite fugiam do seminário e iam para a casa da





Georgina, um pouco retirada da cidade, todos eram reunidos no salão do teatro e apagadas as luzes. O Verbo pegava pesado com ameaça de expulsão para os descobertos, excomunhão. É claro que ninguém se acusava de ter desfrutado dos prazeres femininos na casa famosa. Mas como a consciência pesava alguns se retiravam do colégio de livre e espontânea vontade na semana seguinte.

Havia uma figura importante, o chamado bedel que auxiliava muito na vigilância do comportamento da turma em qualquer situação. O estudo era observado rigorosamente e em silêncio e os transgressores eram severamente chamados atenção. Imagine que numa ocasião um aluno de nome Lidair Toquetto, resolveu utilizar uma lata de conserva vazia para fazer pipoca com uma vela na hora do estudo, quando essa lata esquentou o alvoroço dentro do salão de estudo foi estrondoso.

Eram quatro meses eletrizantes com estudos e tarefas, trabalhos diários para a manutenção e sustento do colégio e principalmente pessoal. Era muito exigido sobretudo para aqueles com poucos recursos familiares. Entretanto todas estas rotinas, os dias passavam rápido e eram contados para a chegada das férias de julho e de final de ano. Uma alegria só e as vezes preocupante pois o dinheiro não chegava para comprar a passagem de trem de Marcelino até Carazinho onde eu dormia parte da noite nos bancos da estação de parada ferroviária.

Em outra oportunidade, o sapateiro do seminário, o Irmão Franzon, conhecido por baixinho arrumou e consertou um sapato velho tipo Charlie Chaplin, acredito que número quarenta e quatro para a viagem. Foi a salvação. Leva dois dias para chegar em Liberato no dia seguinte subindo o morro no escuro e atravessando um trecho de mata.

A situação financeira era crítica. Só para citar um fato ocorrido: em determinada ocasião encontrei uma conga velha e muito usada, cheia de barro embaixo do palco do teatro que estava





em construção. Fiquei observando por mais de vinte dias aquela joia abandonada e sempre no mesmo local sem saber de quem seria. Decidi-me por levá-la e após alguns dias num balde com água consegui limpá-la e usá-la. Porquê fui fazer aquilo! Não demorou um dia e fui chamado na sala do Pe. Reitor. Novamente ouvi um enorme sermão. Expliquei a situação e como havia tomado posse da relíquia, fez que entendeu a situação, dizendo que seria a última, porém não sem antes fazer a tradicional ameaça de expulsão. Era a segunda, apesar de nota dez em comportamento muito considerada naquela época. E novamente graças ao Pe. Arcangelo.

Durante as férias era obrigatório apresentar-se ao vigário local para acompanhamento. No retorno ele nos dava uma carta para ser entregue ao reitor do seminário para controle comportamental na paróquia durante as férias. Nunca recebi cópia ou feedback do reitor.



Capítulo 11

① Vaticano II



O VATICANO II

Com o Concílio Vaticano II houve uma mudança radical na busca de pretendentes ao seminário e a formação de candidatos a vida eclesiástica. Os grandes grupos deixaram de existir, muitas casas de formação ficaram fechadas durante anos por falta de alunos e mesmo padres recrutadores. Houve um desmantelamento total deste sistema até então extraordinário, porém julgado ultrapassado para a modernidade. Acredito ser um grande erro das congregações religiosas pois além da promoção humana, alguém sempre se salvava.

As turmas de 1968 e 1969 ainda foram direcionadas para a casa de noviciado em União da Vitória e posteriormente para Curitiba. Entretanto, chegando nesta cidade e na casa saletina, onde os alunos ou candidatos deveriam prosseguir nos estudos de filosofia e teologia, encontraram tudo, menos a finalidade para a qual viemos. A turma de 1968 foi encaminhada para um curso de um ano de pré-teologia. Mesmo assim muitos até a metade do ano acabaram por desistir do seminário dada a situação que vigorava. Outros mais persistentes foram orientados a morarem em outros locais, formando pequenos grupos para discernirem melhor e poderem retornar mais decididos. Poucos voltaram. Com isso reduziu-se a pressão na casa matriz. A debandada foi geral, seminaristas procurando emprego e trabalho para se sustentar, até carinho de pipoca foi adquirido por um dos alunos, tamanha foi a necessidade de subsistência. Os próprios padres orientadores não orientavam mais ninguém e seguiam rumo ao magistério pois para isso eram eficientemente preparados. Diversos padres deixaram o sacerdócio.

Em 1969 sem orientação religiosa e sem um rumo apesar de acompanhar os poucos trabalhos nas celebrações e em preparação de crianças para a catequese da primeira comunhão, e precisando prover o sustento consegui no mês de agosto daquele ano com a indicação de dois colegas de seminário, Galdino





Rossetto e Divino Rossetto, um trabalho no Banco Nacional do Comércio direcionado que fui para o setor de cadastro de clientes auxiliando diretamente a gerência em análise de balanços para concessão de crédito. Com esse trabalho consegui adquirir minha primeira experiência profissional.

Em 1970 totalmente às cegas não fui aprovado no vestibular. Como na época a moda era formação para professores fiz cursinho no Dom Bosco, este ano foi perdido. Porém, em 1971 consegui acesso no curso de letras na PUC e na Federal para geografia, para início 1972, porém era incompatível com o horário trabalho.

Em final de 1971 com oferta de trabalho melhor remunerada saí do banco para trabalhar na empresa Placas do Paraná em tarefas de atendimento comercial e em 1973 designado para trabalho na fábrica de chapas em tarefas muito pesadas, solucionando desta maneira situação adversa ocorrida no setor comercial. Como seminarista trabalhava em empresa comercial, porém ninguém sabia da situação.

Nesta época daquela numerosa equipe de minha turma, éramos cinquenta e sete em 1961, havia sobrado somente um pretendente a padre e outro de uma turma anterior, hoje Dr. Ademir M. Brandalise, que se retirou do seminário um tempo antes, até que em um sábado de maio de 1975 na hora do café alguém determinou que me retirasse da casa do seminário Salette em vinte e quatro horas. Não lembro quem foi que me passou essa ordem, mas sei que foi influência do hoje Padre Alfredo.

Quais foram os critérios? Naquela época um grupo de seminaristas de outro seminário que haviam se desentendido com seus superiores onde estavam e mais alguns de Marcelino Ramos foram recebidos no Salette. Com isto uma nova etapa foi iniciada com esta renovação havendo algumas ordenações em alguns anos. Acredito que face as minhas atividades privadas e estudo não tradicional aos seminaristas, pois me encontrava com os





superiores somente no final de semana para conversar o que gerou mal-estar a meu respeito na casa. O que era de fato visível e não entendida. Entretanto as atividades na casa estavam sendo atendidas de forma parcial. Com a ordem de mudança imediata recebi por parte de Miguel Popoaski e Longino Lickmann guarida e local para morar por um bom tempo aos quais lhe devo também gratidão.



Capítulo 12

*Placas do
Paraná*



PLACAS DO PARANÁ

O início da vida de trabalho já havia sido dado anteriormente no Banco. Em novembro de 1971 houve mudança de emprego com um novo trabalho. Estudava a noite na PUC PR, chegando no Salette a noite em torno de 23h30, todo dia, restando o sábado e domingo para os trabalhos e estudos e ajudar na paróquia, às vezes com catequese para crianças.

O trabalho nas Placas do Paraná seguia normalmente no atendimento comercial. Em certo momento alguém, resolveu criar novas funções no setor comercial não havendo interesse em meu trabalho havendo inclusive atritos com uma auxiliar administrativa. Ordem para ser dispensado já estava correndo, quando humildemente implorei a gerência nova oportunidade na qual fui atendido, para ser transferido para a fábrica em trabalho pesado, no setor de lixamento de chapas de aglomerado, cuja classificação era manual e extremamente pesada, permanecendo nesta tarefa por muito tempo e com muita resignação. Muito tempo depois transferido para o corte de chapas e respectiva logística. Com o tempo a gerência de materiais atribui-me a atividade de cuidar de um depósito de painéis na Rua Mal. Floriano Peixoto, onde hoje existe o Carrefour. Período entre 1972 e 1975.

Com o desligamento definitivo do Seminário em maio de 1975 a mudança de rumo vocacional religioso passou a direcionar-se para o familiar. Nessa época conhecia a jovem Rosicler, então telefonista da Diretoria e da empresa. Não a conhecia pessoalmente a não ser por telefone. E a versão era recíproca. Um certo dia está manifestou interesse em conhecer-me pessoalmente, recebendo como resposta que pouco tinha a ganhar, mas como seguidamente eu ia para a fábrica levar os documentos e conversar com a chefia, em determinada ocasião dirigi-me ao setor de telefonia, avisando que desejava falar com a telefonista para cobrar uma conta. Andava eu muito desleixado





e usava barba e bigode. Perguntou-me o que eu queria ou precisava com a expressão mais fechada que tinha visto até então. Sem apresentação preliminar disse-lhe: a senhorita não queria conhecer um tal de Rubino? A “alemã” ficou em estado de choque, tamanho o espanto.

A situação melhorou quando a gerência comercial me chamou para assumir a chefia de estoque e expedição na vaga deixada naquela área, com movimento de cargas e um grande depósito em São José dos Pinhais, no bairro Barro Preto. O trabalho apresentou-se promissor com o grande crescimento da empresa.

Minha chefia foi dispensada de suas funções, surgindo então essa nova oportunidade que para surpresa minha fui chamado para ocupá-la de surpresa. Houve um enorme aumento de atividade pois exigia comando de equipe e coordenação dessas atividades com o trabalho a ser executado na própria fábrica.

Os contatos passaram a ser mais diretos pois diariamente tinha que dirigir para o setor comercial para os acertos de estoques e cargas, sem contar que nas horas de descanso a colega costumava passear pela minha área de trabalho, ao ponto que um colega, o conferente Hélio Rosa fazia gozação comigo dizendo: você ainda vai casar com essa moça. Dizia eu: não entendo o que essa moça está vendo num barbudo ou em minha pessoa.



Capítulo 13

A Família



Casamento de Rubino Tonett e Rosicler Stüpp – 1978



Casamento de Rubino Tonett e Rosicler Stüpp – 1978





Margrit, Rubino, Rosicler e Ingrid.

Os contatos passaram a ser mais frequentes, inclusive de visita aos pais dela, Sr. Simão e Sra. Margot, pessoas extraordinárias. Tratavam-se tão bem que parecia querer se livrar da filha ou imaginavam um grande futuro. Só imaginação. Em dezembro de 1975 selamos o acordo de constituição familiar na choparia Baviera. Não sem antes impor uma condição. Deveria procurar trabalho em outra organização pois eu não aceitaria namorar colega de trabalho, o que a motivou a fazer naquela época concurso para a Telepar, onde foi aprovada e chamada assumir a função inicial de telefonista. Houve dois anos de muita conversa e preparativos, sempre dentro da mais restrita retidão de preparação matrimonial.

A família da Rosicler era de origem humilde. Estavam se recuperando das perdas sofridas com a grande enchente na cidade de Tubarão, SC em 1973, de onde migraram para Curitiba após a casa e benfeitorias serem levadas rio abaixo algumas horas após a defesa civil tê-los avisados do risco iminente do rio invadir





aquela área pois a chuva na cabeceira deste era torrencial. Saíram com a roupa do corpo morro acima. A casa que era de madeira foi arrastada água abaixo e ficou apoiada em cima de uma moita de bambu.

Foram acolhidos aqui em Curitiba pelo cunhado Waldemar Beyrstedt, providenciando locação de imóvel para morar e o Sr. Waldemar arranhou trabalho na alfaiataria de Silvestre Cargnin um contêrrâneo também de Tubarão para o Sr. Simão, que muito ajudou esta família, tornando-se um grande benfeitor. Para a Rosicler o tio como chefe de RH da Placas do Paraná, conseguiu empregá-la naquela empresa. Rosicler muito esforçada e com uma inteligência extraordinária, dedicou a conclusão dos estudos na Faculdade Tuiuti e um novo curso na Universidade Federal.

As dificuldades eram enormes, porém com minha formatura em dezembro de 1975, foram reduzidas em parte as despesas. Nessa época consegui com ajuda do Prof. Longino Lachmann, 20/horas aulas durante a noite no Colégio Polivalente, no bairro do Boqueirão com horário para término as vinte e três horas. Este trabalho perdurou até 1979, quando o governo estadual mudou o sistema e não autorizou a contratação dos professores suplementares. Excelente tempo onde dedicava o trabalho ao ensino da matéria de português do supletivo segundo grau.

O trabalho continuou na Placas do Paraná exercendo atividade de comando de uma equipe como responsável pelo carregamento e estoque, função esta que me ajudou muito na remuneração salarial a fazer frente aos preparativos familiares efetivados em janeiro de 1978. Concluída esta etapa, a questão era, onde morar, pois o sogro dependia de aluguel e o novo casal teria que partir para este rumo. Neste ponto o Sr. Simão e Dona Margot não permitiram e nos colocaram a morar junto com eles,





já que a casa era grande, e não havendo dificuldades de convivência.

O Sr. Simão, era muito persistente e resolvido, partindo para a ideia de adquirir um terreno. Nestas conversas o Sr Silvestre Cargnin, empregador para o qual meu sogro prestava serviço de alfaiataria, conhecia um proprietário de um imóvel em Curitiba que morava em Tubarão/SC. Este foi convencido a vendê-lo e prontamente adquirido pelo Sr. Silvestre que o repassou ao Sr. Simão após a documentação cartorial em seu nome para não despertar algum mal estar ao antigo proprietário, para pagamento a perder de vista e a troco de serviço. Desta forma o Sr. Silvestre foi um grande benfeitor da família Stüpp sem deixar de mencionar o Sr. Waldemar Bayerstedt em Curitiba.

Concluída esta etapa as parcelas eram repassadas pelo Sr. Simão ao Sr. Silvestre com muita precisão. Como o Sr. Simão tinha mais contato com a vizinhança, este providenciou um construtor, e atendia todas as outras necessidades da obra iniciada em julho de 1978, no terreno sito a Rua Infante Dom Henrique, hoje com o número 136. Como Rubino e Rosicler trabalhavam na Placas do Paraná e Telepar com boa remuneração, suportamos o custo da construção, inclusive com empréstimo bancário, despesas de casa, colégio e estudo de Roselize. O projeto foi possível e concluído em 1979, com uma bela moradia toda em madeira de lei de grande durabilidade estando ainda hoje bem conservada.

Passamos a residir juntos durante dez anos no mesmo imóvel não havendo desentendimento familiar. Com essa convivência familiar o trabalho de minha sogra foi de vital importância, pois tínhamos o espaço para dedicação ao trabalho e outros afazeres necessários. Com o nascimento de nossa filha Margrit, nome dado em homenagem a vovó Margot Margrit Stüpp, ela passou a dedicar-se aos cuidados da neta durante toda a infância de real valia.



Capítulo 14

A Crise Econômica



A CRISE ECONÔMICA

A partir de 1980 a economia começou a regredir. Foram dez anos ou mais de penúria com retração do nível de emprego, com enorme sobra de mão de obra. Em 1984, como de costume dirigi-me ao local de trabalho, e ao adentrar na fábrica não encontrei o cartão ponto no local costumeiro. O RH, o pior setor das empresas onde trabalham as pessoas que conhecem as capacidades dos demais trabalhadores havia recolhido o cartão ponto. Segundo os dados 180 cartões recolhidos naquele dia 28/05/1984, uma segunda-feira. E não havia demanda por trabalho, e mão de obra sobrando em todo o lugar.

Poucos dias depois iniciei em busca incansável um novo trabalho, de fábrica em fábrica pela cidade industrial e região metropolitana com respostas nada animadoras. A única oferta razoável surgiu em Campo Largo na INCEPA. Seis meses se passaram nesta ansiosa busca. Neste tempo surgiram informações que em Araucária a Berneck & Cia, que era uma fábrica de portas e compensados estava reformando e montando uma fábrica de aglomerado pelos antigos funcionários que foram dispensados da mecânica da Placas do Paraná, mais precisamente Jurandir Correia da Silva e Bertoldo Rheme e outros com os quais sempre mantive bom relacionamento no antigo trabalho. Sugestões aconteceram e a mais indicativa seria de conversar com o gerente comercial, então Sr. Álvaro Rose que foi meu chefe na empresa anterior. Disse-me que iria me ajudar por ser eu uma pessoa esforçada na visão dele. Este foi de vital importância, pois conversou com o diretor e proprietário da empresa Sr. Gilson Berneck que autorizou o gerente da montagem de Araucária a contratar-me em dezembro de 1984, para aquilo que fosse preciso dentro do processo de montagem. Como conhecia todo o processo fui encarregado da lixadeira de chapas, classificação, carregamento e também da área de segurança por um bom tempo, pois muitas tarefas eram braçais ocasionando muitos acidentes de





trabalho. A fábrica na fase de implantação rodava com princípios rudimentares e manuais, porém com muito empenho da parte dos funcionários fundadores, pois o investidor colocou muito capital na obra e continuava a todo vapor nos anos de 1985 a 1990, quando foi instalada uma nova fábrica, também reformada adquirida na Suécia a preço de ferro velho, onde o frete foi maior do que o preço da compra. Esta fábrica rodou durante dez anos quando foi cortada a maçarico e vendida a ferro velho para ser derretida na Siderúrgica Guaíra. Em 2001 com o aumento da necessidade de produção, entrou em funcionamento uma nova fábrica moderna, comprada da Simpelkamp com capacidade nominal de 2.000m³ de chapas de MDP diários, pois o empresário se convenceu dos altos custos do equipamento antigo para efetivar a mudança.



Capítulo 15

① Acontecimentos



O ACONTECIMENTO

Em 1999 com a primeira onda de privatizações do governo Fernando Henrique Cardoso a empresa Telepar foi vendida. A Rosicler funcionária até então telefonista instrutora e por último, lotada no setor intelectual da empresa, assim como todos os funcionários da organização foram convidados democraticamente a fazer acordos trabalhistas ou a se aposentarem aqueles que atingiram o tempo necessário. Inicialmente a aposentadoria da Rosicler seguia em ritmo de alegria, trabalhos caseiros e planos futurísticos. A casa passou por uma grande reforma e melhor adequação executada por Darci Knapp e Fiorino Tonet. Rosicler acompanhava a movimentação interna. O trabalho pesado provocou dores musculares generalizadas confirmadas mais tarde como doença intestinal grave havendo necessidade de cirurgia. Com o tempo a situação foi se agravando e após vinte e dois meses de grande sofrimento ela foi chamada para a casa do Pai Eterno em vinte e seis de janeiro de dois mil e um. Está sepultada no cemitério de Santa Cândida junto a seus pais. Viveu com muita dedicação a sua família desde sua infância e a família que constituiu durante quarenta e sete anos.

Deixou uma obra extraordinária na organização da família e na comunidade, participação do coral da Telepar, e criação do grupo de oração da Paróquia São Miguel Arcanjo, no bairro Novo Mundo. Porém o legado mais importante deixado foi, a família composta por duas filhas Margrit e Ingrit e um viúvo com visão de família tradicional que se dedicou a formação das filhas vinte quatro horas por dia com grande dificuldade por falta de traquejo neste ramo e ocupação no trabalho. Não houve ajuda por parte de familiares. Entretanto, apesar dos fatos adversos, o trabalho produziu bons frutos.

Rosicler era uma pessoa de extrema inteligência. Em leituras bíblicas nas celebrações religiosas ela não usava os textos





nos folhetos. Ela os proclamava de cor com precisão, pois dizia que nos primeiros tempos era assim. Sua formação acadêmica lhe permitiu diploma em duas faculdades e inúmeros cursos complementares. Cumpriu com maestria a tarefa que lhe fora atribuída pela vida.



Capítulo 16

A Berneck



A BERNECK

Com o aumento de produção houve necessidade também de aumentar a equipe de logística e carregamento e com isto passei a supervisionar um número grande de pessoas, no setor de revestimento e em 2008 com o MDF entrando em produção. Em ritmo acelerado chegamos em 2020 com a maior equipe individual de trabalho na fábrica para liderar em três setores distintos.

Chegou fevereiro/março de 2020 e apareceu um sinal de algo muito ruim mundo afora. Logo definido como uma grande pandemia mais destruidora do que a grande gripe chamada de espanhola, porém originária dos estados unidos da américa. Internamente surgiu a pandemia de uma tecnologia nova chamada (Systemanalyse Programmen-twicklung), abreviada SAP, onde os famosos gestores de plantão julgavam que os antigos funcionários não tinham onde contribuir, pois o sistema faria tudo sozinho. Fizeram uma reengenharia desproporcional e sem critérios baseada no grande faturamento da empresa e com isto não faltava dinheiro para as indenizações. Com base nisto fui aposentado compulsoriamente, após dedicar 425 meses de vida e trabalho justo e honesto e sobretudo eficiente em 04/05/2020. Pagos foram evidentemente todos os salários e direitos havidos, porém, não recebi nenhum muito obrigado por parte do diretor presidente como era seu costume. Menos ainda dos novos que acabaram ocupando as belas vagas de trabalho construídas pelos mais antigos com descrições funcionais, com exceção daqueles que tiveram em suas carreiras o auxílio de minha caneta.

Os novos que nos substituíram têm aparência visual saliente de grande inteligência. Aqueles ocupam cargos de chefia elevada tendo como característica, agilidade no teclado de computador e ostentam a exibição de notebooks caros, fala pausada com termos estrangeiros fazem maior efeito ainda. Estes gestores gostam de serem tratados bem e julgam os mais antigos,





e acabam por classificá-los por improdutivos ou acomodados. Considerações ou valorizações, passaram ao longe. As visões organizacionais destes gestores, na maioria das vezes são equivocadas. Usam meios psicológicos e audiovisuais disponíveis na mídia para tomarem suas decisões em detrimento daqueles que vestiram a camisa no passado apresentando ao detentor do capital números atrativos.



Capítulo 17

Conclusão



CONCLUSÃO

A grande impressão que resta por apontar algo primordial durante uma vida é ter a sensação de que o tempo não existiu, pois na prática não existe ou se apresenta de forma mensurável diferente. Não são precisas essas medições. As pessoas que são diferentes, o local onde se encontram indicam os movimentos. O tempo espacial seria diferente. O tempo só faz sentido em uma vida no momento presente e quando se prepara algo para o futuro imaginando isso necessário, caso contrário não teríamos visão de continuidade da vida. Na prática esse tempo não existe. Nós tentamos equacioná-lo para nossa existência durante os dias em que passamos por eles. São sempre os mesmos com suas variáveis.

Entre seres humanos mais antigos, a impressão que temos é que o tempo se move, porém lento quando permanecemos estacionários, diferentemente dos mais jovens com suas buscas. Quando nos damos conta nós já passamos pela vida com todas as suas nuances. Com nosso existir simples é que passamos num piscar de olhos. Vemos no horizonte pela manhã o sol nascente e convencionalmente pela convenção da criação tarde, no lado oposto, concluindo o poente, completando mais um dia dentro das variáveis graus de dificuldade de nossa curta existência.



Capítulo 18

Descendência
de Alfonso
Tonet e Filhos

DESCENDÊNCIA DE ALFONSO TONETT E FILHOS

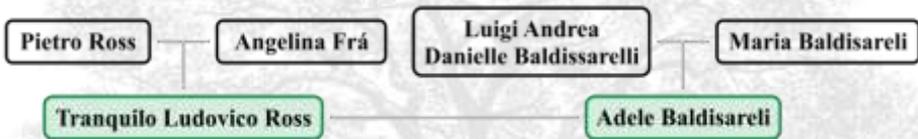
ORIGEM:

Giovani Baptista Tonet e Giovana Sasset – Viveram em San Gregório Nelle Alpi – Itália. São os bisavós por parte de pai:

Vittore Antonio Tonet e Maria Vigne, avós, ele nasceu em 1843 em San Gregório, ela em 1849 em Sospirolo (Itália), vieram para o Brasil em 1877. Ela faleceu em 1901, ele em 1907. Foram sepultados em Vespasiano Correa RS.

Tiveram os filhos: Maria, Angele e Gio Bata, estes vieram pequenos da Itália. No Brasil nasceram: Arcangelo, Augusta, José, e Savério Francesco.

Bisavós por parte de mãe:



Giovani Mezzarobba e Maria De Bortoli, nascido em 1836, + 1915, ela em 1838 + ?, vieram para o Brasil em 1885 com os filhos Luigia, 18 anos, Angelo, 14 anos, Tereza, 13 anos, Giacomo, 6 anos e Santo, 2 anos. Ficaram uma semana na hospedaria Ilha das Flores, no Rio de Janeiro e após Porto Alegre..Nasceram no Brasil Giovani, Maria e Domenica. Provenientes de Mezzomonte, distrito ou linha de Polcenigo, Pordenone, Provincia de Friuli – Venezia – Giulia. Estabeleceram-se em Monte Belo do Sul, linha Argemiro.

Em 1900, os irmãos Angelo, Santo e Giacomo migraram para Guaporé, Linha Três de Maio.



Angelo Mezzarobba e Maria Pierina Piovesana, também italianos, nasceram em Mezzomonte e tiveram os filhos, Luis Ângelo, Guerino Domingos, Pedro, Ida, Maria Luíza, Anna, Luígia, Theresa, Giuseppina, José Antônio, Felix Ângelo. Também estariam descansando no cemitério de Vespasiano – RS.



Angelo Mezzarobba e Maria Pierina Piovesana, data aproximada



Guerino Domingos Mezzarobba (filho de Ângelo e Maria Pierina) e sua esposa, data aproximada 1930



Foto de 4 irmãs de quatro irmãs de Ida Mezzarobba, sem identificação de seus nomes. Data aproximada 1910.

Destes três irmãos, o Santo em 1927 mudou-se para Videira-SC com os 12 filhos. O Giovanni Maria, o último filho de Giovanni e Maria De Bortoli, constituiu família com uma Piovezana, pelo que indica sobrinha da Maria Pierina Piovezana.

José Tonet e Ida Mezzarobba, ele nascido em 1886 e falecido em 1954, ela falecida em 1970. Ambos sepultados em Liberato Salzano, na localidade de Linha Vitória – RS.

Tiveram os filhos: Antonio, Euzébio, Angelo, Alfonso, João, Camilo, Vicente, Maria e Cândida. Cândida ainda viva, bem velhinha (ano de 2023).





Jose Quirino Tonet e Ida Mezzarobba



Ida Mezzarobba (centro) com suas filhas Cândida (esquerda) e Maria (direita), data aproximada 1950.





Alfonso Tonet e Maria Ross, nascido em 01/03/1921 e falecido em 02/10/2002, ela nascida em 02/03/1925, falecida em 18/03/2020, sepultados em Liberato Salzano, cemitério de Linha Vitória – RS.

Tiveram os filhos: Rubino, Ana, Camilo, Matildes, Mercedes, Adelaide, Mário, Zaira e Fiorindo.

Rubino Tonet e Rosicler Stüpp, ele nascido em 01/11/1945, ela nascida em 27/09/1953 e falecida em 26/01/2001.

Tiveram as filhas Margrit e Ingrid Stüpp Tonet.

Ivan Carlos Möller e Margrit.

Tiveram um filho: Klaus Tonett Möller. Ingrid Stüpp Tonet casou com Helcio Ricardo Correa.

Camilo Tonet e Nice, tiveram os filhos: Elivandro, Adriano e Eliana.

Adriano e Sueli, tiveram os filhos: Enzo Gabriel Lopes Tonet.

Cleber e Eliana tiveram os filhos: Ana Luiza.

Zaira e Edmar tiveram os filhos Paulo Afonso Leceux.

Mário e Elizabete tiveram os filhos: Mario Henrique e Vanessa.

Mario Henrique e Graciela tiveram a filha Sophia.

Mercedes teve uma filha: Gilvete Tonet Freitag.

Gilvete Freitag e Valdinei teve o filho: Joaquim Basséggio.



Os Filhos de Alfonso Tonet

Os nove filhos de Alfonso Tonet e Maria Ross Tonet, chegaram à maturidade, não sem antes enfrentarem as dificuldades inerentes a época e a situação evocada.



1 – Nosso pai estava se refazendo da queda econômica cuja fase havia passado e estava sendo superada graças ao auxílio de pessoas que confiaram nele e entenderam humanitariamente a situação da família numerosa e adolescente. Certamente se perguntaram sobre o futuro daquelas crianças. Em consequência disto o filho mais velho Rubino foi orientado pelo pai Alfonso a ir para o seminário num dia de sol quente durante a capina e limpeza de roça de milho. Ciente estava ele e em sua visão extraordinária que não poderia auxiliar na colocação deste filho para seguir sua vida de adulto constituindo uma família assim como ele o fizera com ajuda do pai José Tonet.

Rubino permaneceu no seminário durante quatorze anos, porém por circunstâncias religiosas adversas não prosseguiu nos





estudos eclesiásticos. Dedicou-se ao trabalho privado como professor e em três grandes empresas: Banco Nacional do Comércio S/A, Placas do Paraná S/A E Berneck S/A, atividades que perduraram por meio século, considerado isto uma verdadeira façanha dada as circunstâncias trabalhistas atuais.

Constituiu família com Rosicler Stüpp, deixando duas filhas Margrit e Ingrit.

2 – A segunda filha, Ana passou por inúmeras dificuldades, saúde e tentativas de formação. A auto suficiência foi tentada por esta em Rodeio Bonito auxiliando os avós e tios dentro do que lhe era possível. De volta para casa tentou encaminhar sua vida familiar durante muitos anos, porém o namorado não se decidiu apesar de longos anos de enrolação. Ana saiu da casa paterna fixando-se em Passo Fundo, onde dedicou-se ao comércio de produtos para embelezamento feminino e roupas. Não deixou filhos. Mudou-se temporariamente para Curitiba para cuidar de doença terminal de Rosicler a pedido do irmão Rubino. Casou legalmente com Darci Knapp e hoje vive muito bem.

3 – O terceiro filho Camilo, nome este colocado em homenagem a um irmão do pai desaparecido voluntariamente. Este auxiliou a família por algum tempo. Dedicou-se a um conjunto musical, porém sem sucesso. Retornou ao ramo da agricultura familiar onde juntamente com os familiares foi comprado uma área de terra. Casou com Nilce tendo três filhos, Elivrando, Adriano e Eliana. Continua no ramo agrícola com satisfatório desempenho, graça ao espírito empreendedor. Sua família é a maior dos filhos de Alfonso.

4 – A quarta filha, Matildes partiu da casa paterna para fazer sua vida em Passo Fundo, onde concluiu os estudos básicos. Trabalhou na Caixa Econômica Estadual, logrando se aposentar nesta instituição. Não constituiu família, e não deixou filhos.





5 – A quinta filha, Mercedes, seguiu para Passo Fundo, onde concluiu os estudos básicos, dedicando-se a saúde como funcionária da prefeitura daquela cidade atendendo nos postos de saúde daquela cidade. Não constituiu família, porém deixou uma filha.

6 – A sexta filha Adelaida também se dirigiu para Passo Fundo onde se dedicou ao trabalho de costureira. Com muito trabalho e dedicação chegou à aposentadoria. Muito atenciosa com dedicação às famílias sempre que possível ou necessário.

7 – A sétima filha, Zaira Dominga, lhe tocou a maior carga familiar e também por espontaneidade. Os irmãos mais velhos estavam dedicados a conduzir sua própria vida. Nesta fase houve um episódio que culminou com consequências desastrosas para a família. Um desentendimento entre nosso pai e um vizinho, pelo que tudo indica por bloqueio da estrada rural que dava acesso a casa de Alfonso foi causa de uma violenta discussão na qual participou também Inês Vigne. Os ânimos se exaltaram provocando como diziam na época uma grande encrenca. Este vizinho, como vingança por ter levado alguns empurrões acabou por alvejar com uma pistola calibre vinte e dois o oponente Alfonso Tonet, atingindo-o no braço provocando fratura. Por muito pouco o tiro não foi fatal. Como resultado levou muito tempo para se recuperar. Os irmãos mais velhos já estavam espalhados e cuidando de suas vidas. A lavoura estava por ser preparada e braços não existiam para auxiliar no preparo para o plantio de produtos para subsistência. Não puderam contar com auxílio coletivo, o que era comum na época. Diante desta situação a nossa irmã Zaira, então com doze para treze anos tomou a frente preparando a terra com arado puxado por junta de boi, num trabalho extremamente pesado e difícil.

Esta nossa irmã assumiu com coragem e muito determinação os irmãos menores, cuidando de nossos pais na velhice acrescentado que lhe foi a tarefa de cuidar de nossas tias





idosas. Em termos podemos afirmar tratar-se de uma verdadeira altruísta, cujo nome está escrito no livro bom da vida. Trabalhou fora de casa com registro em carteira o que lhe valeu ajuda inestimável para chegar à aposentadoria. Deixou um filho Paulo como resultado de um relacionamento. Merece nosso reconhecimento e agradecimentos.

8 – Mário: este o oitavo filho. Em conjunto com os últimos irmãos e pais, foi comprador de uma área de terra. Dedicou-se por muitos anos a agricultura com bom êxito. Deixou esta atividade e partiu para o trabalho de auxiliar de produção industrial em Bento Gonçalves. Passou por dificuldades familiares acabando por separar-se da primeira esposa. Refez sua vida posteriormente. Deixou dois filhos Henrique e Vanessa.

9 – Fiorindo, o nono filho. O último dos filhos de Alfonso e Maria Ross Tonet, foi muito temperamental, com espírito de rebeldia, representando em suas falas ter sido rejeitado pelo pai. Muito reclamava dele alegando necessidade para constituir vida própria aos doze ou treze anos quando resolveu sair de casa devido as constantes correções que recebia. Muitas palavras pejorativas foram ouvidas a respeito do pai. Partiu para Rodeio Bonito onde permaneceu na casa do avô permanecendo por lá durante dois anos frequentando o colégio das irmãs durante esse tempo. Após esse tempo partiu para Passo Fundo, onde passou a morar com as irmãs Matildes e Mercedes, concluindo os estudos de segundo grau com ênfase em contabilidade que lhe foram de muita utilidade. Frequentou cursos profissionalizantes na área de elétrica que lhe permitiram encaminhamento profissional em diversos ramos de atividades, de eletricista predial, industrial, alarmes residenciais, encanador, até mesmo de carpintaria e pedreiro. Tudo desempenhava com maestria. Executou reformas em moradia de seu irmão e sobrinha em Curitiba. Em consequência passou a morar em Araucária, onde a oferta de emprego era abundante, logrando a função de eletricista industrial na empresa Berneck durante um bom tempo. Nesta cidade foi





comprado um terreno com casa em alvenaria em boas condições de habitação. Este imóvel, a compra inicial foi paga por seu irmão Rubino. Saiu da empresa Berneck, passando a trabalhar por mais algum tempo em uma empreiteira da Petrobrás com sede em Porto Alegre. Foi afastado do trabalho por motivo de doença, passando a residir em Passo Fundo após a venda do imóvel que possuía. A invalidez acabou se tornando permanente, sendo aposentado pelo INSS. Adquiriu com isso novos hábitos e meios de vida tornando-se frequentador assíduo dos bares de Passo Fundo e sendo muito conhecido por todos do ramo e consumidores de bebidas alcoólicas.

Sua saúde nunca foi das melhores. Havia passado na infância por cirurgia de quadril por deficiência óssea e posteriormente na fase adulta para correção com colocação de prótese femoral. Agravava-se constantemente a saúde alimentada pelo consumo de bebidas. O organismo não tinha mais como resistir, apesar dos numerosos apelos para que desistisse desse hábito de tamanha perversidade. Veio a falecer em 29/07/2020, após permanecer internado durante sessenta dias.

Deixou um legado importante de muita dedicação e disposição em ajudar sempre que era solicitado. Pessoa de boa alma. Foi sepultado no cemitério da Linha Vitória, em Liberato Salzano RS, contra a sua vontade, onde descansará até a ressurreição dos mortos.

Estes filhos estão dando continuidade a bela descendência de Alfonso e Maria Ross Tonet cujos bisavós deixaram o umbigo em San Gregório Nelle Alpi, It.



